

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1.470 G.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 43

TELEFONES { Direcção: T. 195
Redacção: T. 319

Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

O ALBERGUE NOCTURNO não fechou por ordem do Governador Civil — diz-nos o inspector desta casa, sr. Antonio José Ribeiro, mas por virtude de uma nova organização, e para acabar com a indigência nas ruas. Ali se recolhem agora aqueles que, vítimas de infortúnios de variadas origens, precisam do carinho da assistência, sendo depois transferidos ás suas terras ou levados para asilos condignos. O Albergue, que durante meio seculo muitos serviços prestou á miséria nomada, não se afasta do seu objectivo; regula-o por uma maneira mais eficiente e humana.

E afinal — diz-nos aquele senhor — são quasi os mesmos os frequentadores triviaes do lugubre hospício — lugubre apenas pela fatalidade dos seus "habitués".

* * *

POR *Les Amis des Lettres Françaises* foi oferecido um banquete em honra dos srs. Norberto Lainez, ministro dos Negocios Estrangeiros da Argentina e dr. Reynaldo Santos, nosso illustre compatriota, que em Paris e Bruxelas fez algumas conferencias notaveis sobre arte portuguesa.

Presidiu a sr.ª condessa de Noailles.

O ministro da Instrução, mr. Herriot, fez-se representar pelo seu chefe de gabinete, que entregou ao sr. Homem-Cristo Filho uma carta, que este leu, cheia de saudações, para os dois illustres viajantes.

Nessa mesma carta ele se refere aos laços de solidariedade que o ligam ao sr. Homem-Cristo Filho, na obra de aproximação dos povos latinos, admiradores da França.

* * *

OS eruditos e os amigos de antiquarias têm no segundo numero do *Arquivo Historico Ilustrado — Brasões e Geneologias* — larga e vasta materia de agradável estudo e de espirital encanto. Basta-lhes o interessante e valioso trabalho dum consciencioso investigador, que, sob o pseudonimo de Armando Lassancy, se ocupa dos painéis de S. Vicente de Fóra, atribuidos a Nuno Gonçalves.

Sem entrarmos na questão, a que somos estranhos, não duvidamos afirmar que vale a pena lêr-se.

Agradecemos ao sr. Frazão de Vasconcelos, director da aludida publicação, a sua oferta, que é digna da melhor biblioteca.

* * *

JOSÉ Carlos de Macedo Soares publicou um livro da maior actualidade e interesse — *O Brasil e a Sociedade das Nações*. É um trabalho calmo, reflectido, que honra o seu autor, não só pelo conhecimento dos varios assuntos que nele versa, mas também pelo escripto com que do principio ao fim sacrifica o sentimento á razão.

Para marcar bem o papel internacional do Brasil bastam-lhe os factos, os documentos e as ilações que o exame destes lhe permite tirar.

CARTA a Eugenio de Castro

Caro Mestre

Começam a escassear em Portugal os escritores que se afastam da turba, não para cultivarem o seu eu ou as suas falsas apparencias, mas sim para servirem o homem como peregrino infatigavel da Verdade e da Belesa.

É V. Ex.ª, hoje, o poeta que se conserva mais distante dos clamores da rua, talvez pelo facto de ser aquele que mantem mais directo contacto com a alma humana.

Nos seus livros passam as pulcras visões duma mente que se compraz em descobrir, numa civilização de desejos e ambições efemerias, o bando alado das formas impereciveis.

Numa epoca de negações em que o espirito tantas vezes abdicou do seu papel, deliciando-se com a profanação da sua propria essencia, V. Ex.ª soube marchar na contra-corrente, reagindo nobremente para salvar a sua sensibilidade da agua dos enxurros.

E conseguiu-o em pleno exito: o poeta Eugenio de Castro constitue um belo exemplo da luta entre a liberdade de ser alguém e a liberdade de não ser ninguém, por adesão á maioria.

A tirania do numero esmagou o pensamento das ultimas gerações.

A multidão rugiu, imperou, triunfou: a poesia nacional, em vez de cativá-la com a sugestão lirica ou heroica das suas imagens e das suas invocações ardentes, entregou-se ao idolo sem cabeça. A attitud de V. Ex.ª anuncia logo o renascer duma chama que se alimenta de perfeição.

Quando, no futuro, as cinzas já cobrirem os tumultos e inquietações dum povo que, pela sedução das palavras, chegou á destruição dos monumentos e das crenças, não faltará quem pergunte:

— Não houve, nesses remotos tempos, um poeta que fôsse o eremita da eterna emoção?

Nos seus poemas, mestre illustre, correrá perpetuamente a linfa pura que desedenta o caminheiro que, depois de atravessar planuras e desertos, busca uma estrela, no ceo, e uma múmura fonte, na terra!

Após longos anos, voltei a lêr em nova, olorosa e elegante edição, os seus *Oaristos — Horas — Silva* que encerram o fulgor juvenil duma inspiração que, mesmo quando quiz ser rebelde e ligeira como um insecto, escolheu, em gesto cheio de graça, uma plumagem de reflexos de ouro.

Lembro-me ainda do encanto quasi pecaminoso que encontrei no seu simbolismo que uns diziam importado de Paris para aterrar Minerva e o Chiado e outros insinuaram que fôra inteiramente inventado por V. Ex.ª para convencer Junqueiro de que a sua musa revolucionaria precisava um tratamento de altitude — e uma quaresma.

Todos os jovens da minha idade descobriram, nos seus três primeiros livros, um pequeno evangelho que os curou do mal de terem a fé, mas sem esperança na redenção.

V. Ex.ª redimiu-nos da tristeza duma literatura que, desde o romantismo manejava o logar comum — ou para matar repobros, sob o portico das catedrais ou para esventrar deuses, nas alamedas do Olimpo.

A sua arte caprichosa, buliçosa, fugindo ao povo para ser mais rica e enriquecendo-se para ser mais pomposa, pareceu-me dum paganismo tão suave e terno que as Tentações se esqueceram de tentar, e recitaram os hinos de S. Francisco de Assis.

Os segredos da velha metrica saltavam com fechaduras de sacros cofres enferrujados, perante o atrevimento dum vate que trazia consigo a lei e o ritmo, a melodia e a harmonia do verso...

Quando reenceteci, ha dias, a leitura dos *Oaristos — Horas — Silva*, eu senti o receio de erguer fantasmas, pisando o pó illusorio dum entusiasmo que, porventura, fenecera.

Santo Deus, que maravilha!

Eugenio de Castro tem a sua juventude a florir. Talvez haja quem não compreenda a perenidade da graça e da formosura em poemas de tão delicado recorte e de tão aristocratico porte.

Mas a estes direi eu:

— O poeta não envelheceu, porque, no seu lirismo, não existe a sombra das coisas que passam nem o grito dos odios que matam.

Nos *Oaristos — Horas — Silva* deixou v. ex.ª, meu caro mestre, o testemunho da sua verdade — a que conquistou para além dos homens que se agilhoam á materia, esquecidos de que Deus e a Vida — as mulheres, as crianças, os herois, os santos, as flores e as profecias — cabem na mesma estrofe e no mesmo sonho.

Joaquim Manso

NA sessão de ontem, á noite, na Associação dos Arqueologos, o illustre professor sr. dr. Leite de Vasconcelos disse que estava imprimindo na Imprensa Nacional uma obra com o titulo "A Antroponimia Portuguesa", onde trata da origem, significação, classificação e historia do conjunto dos nossos nomes proprios, sobrenomes e apelidos. Entre estes ha muitos de origem italiana, de que leu o capitulo respectivo, precedido de algumas considerações historicas sobre as nossas relações com a Italia, desde a Idade-Média, e terminando com observações filologicas muito interessantes. O novo trabalho do sr. dr. Leite de Vasconcelos, que tem nos prelos da Imprensa Nacional o II volume "De terra em terra", apparecido ha poucos dias e quasi esgotado, é esperado, como bem se calcula, com o maior interesse.

* * *

NAS estações competentes não se avalia a vida desesperada que sofre a grande maioria dos funcionarios aposentados, para poderem equilibrar o seu orçamento caseiro, sujeitando-se a verdadeiras privações. Têm eles direito a uma partilha do cofre dos emolumentos do ministerio das Finanças, do qual ainda até hoje não receberam um centavo.

É lamentavel que o capricho, ou o descuido do pessoal da respectiva secretaria, que amanhã será também aposentado, sujeite a privações aqueles que o destino tombou já para a vala das inclemencias da vida, cada vez mais paavorosa, cada vez mais negra! Ou não existirá um sópro de caridade para esses infortunados com direito que os respeitem pelos serviços que já prestaram?

* * *

FALANDO num *cercle* de Filadelfia, durante uma *soirée*, sir Charles Higham, declarou que o presidente Coolidge é o americano que veste o costume masculino com mais *chic*. Este elogio, embora sem solemnidade, tem importancia, pois sir Charles Higham é um especialista na estetica do vestuario.

Um jornal de Nova York, que não é afeiçoado á actual politica da Casa Branca, disse em tempos que a intervenção dos Estados Unidos no Mexico e na Nicaragua acabaria por meter o presidente Coolidge numa camisa de onze varas.

Este receio começa a desvanecer-se, desde que um arbitro das elegancias, tal como sir Charles Higham, proclamou a sua supremacia como Petronio americano.

* * *

Foi nomeado o sr. dr. Aureliano de Mira Fernandes representante do ministerio do Comercio no Congresso Luso-Espanhol para o avanço das Sciencias.

* * *

O "DIARIO", de hoje, publica uma portaria de louvor á comissão mixta de viticultores e comerciantes encarregada de regulamentar os decretos relativos á questão do Douro.

No Coliseu

A opera «Rigoletto»

Para segunda apresentação da cantora Mercedes Capsir, foi levada na segunda-feira a mais popular das operas de Verdi. Tantas vezes cantada, talvez por isso mesmo seja difícil renovar-lhe o interesse puramente musical, mas em compensação fica o atraente passa-tempo de estabelecer inúmeras comparações entre os valores que veem desempenhar partes principais; para maior variedade, também a sua qualidre muda:

Ora é um tenor, ora um soprano ligeiro, ora um barítono, dando respectivamente a impressão de que essa opera foi escrita, aproveitando especialmente a parte de tenor, ou soprano ligeiro, ou barítono. Qual não é então o interesse quando se reúnem três valores de primeira grandeza; e se uma companhia que reunisse tais elementos fizesse também os necessários ensaios para montar operas menos conhecidas, era mais uma rara vez o milagre dum belo sonho realizado...

O caso é que os sonhos belos são poucos, que nem esses poucos passam em geral de sonhos, e que, principalmente, não se consegue facilmente, que passem da fantasia sonhada à fantasia real porque é necessário mais alguma coisa do que a graça do Espírito Santo.

Voltemos ao nosso sonho parcial de segunda-feira. A parte de «Gilda», não deve ter dificuldade para a garganta privilegiada de Mercedes Capsir. Os efeitos vocais que lhe ouvimos na «Lucia», têm, é claro, fácil ensejo de se repetirem em todos os papéis, para grande entusiasmo do publico, que não se cansa de ouvir «crescendos», e «diminuendos», maravilhosos em notas agudas que já por si só, assim atacadas e timbradas, são uma maravilha. Mas seria injusto não mencionar igualmente a expressão sentida e adequada com que Mercedes Capsir realça o sentido do que canta. E o ultimo acto foi cantado como nunca tínhamos ouvido, sem que fosse sacrificada uma unica nota da parte do soprano ligeiro.

No «duque de Mantua», reapareceu o tenor Francesco Pierelli, que cantara no S. Luis quando da temporada lirica ali realizada. Pierelli progrediu desde então, vocalmente, e scenicamente mostra experiencia e muito bom gosto.

Na parte de Rigoletto, tivemos Luigi Piazza, muito correcto, e bem á vontade.

Dentre os restantes, mais uma vez Friggi merece menção especial, e também José Fernandez. Conjunto coral e orquestral bom, salvo o final do dueto de «Gilda», e «Rigoletto», no desfecho do 2.º acto (sem contar o prologo), em que os instrumentos cobriram momentaneamente as vozes.

Francine Benoit.

DR. JOSE DE PADUA

Coração e pulmões—Raios X

Clinica medica—Electroterapia

P. dos Restauradores, 65, 2.º, E.

CONSULTAS DAS 21h2 A'S 6

LICORES SCALABITANOS

São os melhores

PO ESTOMACAL UNIVERSAL

(Universal Magen Pulver)

O melhor medicamento para doenças de estomago

De P. FR. WILH Barrella's, de Berlim

A' venda nas seguintes farmacias:

Farmacia Durão — Rua Garrett, 92.
Farmacia Estacio — Rossio.
Farmacia Azevedo & Filhos — Rossio, 31 e 32.
Farmacia Azevedo, Irmão & Viegas — Rua do Mundo, 26.
Drogaria Azevedo — R. Primeiro de Dezembro.
Farmacia Mourão — Rua Augusta, 234 e 236.
Farmacia Formosinho — P. Restauradores, 21.
Farmacia Freire de Andrade & Irmão — Rua do Alecrim, 127.
Farmacia Internacional de Lisboa — R. Ouro, 228.
Farmacia Paiva da Costa.
Farmacia Teixeira Lopes & C., Ltd.

Unico representante para Portugal e Colonias

A. S. LIMA

AV. DA LIBERDADE, 193 e 201 — LISBOA

AS CORRIDAS EM PARIS

Subsidios

para a historia do toureio português

Uma «meia azul», dos ultimos tempos «Louis Michel», da Sociedade Protectora dos Animais de Paris, conseguiu deitar abaixo a formosa praça da Rua Pergoleze, deixando os parisienses na mais completa ignorancia de que sejam corridas de touros, e que hoje a «Union Tauromachique de Paris», tenta fazer reviver.

Pois Paris, teve uma grande praça de touros e deu corridas com cartazes formidaveis.

Tudo quanto havia de bom no mundo toureiro, naquela epoca, por ali passou, começando pelos seus toureiros e saltadores, que os tem nos Landes, aos mestres do toureio espanhol, até aos nossos cavaleiros que marcavam sobremaneira pela sua apresentação imponente, tornando essa diversão, pela «ouverture», em qualquer coisa de luxuoso, como não se pode imaginar.

Pela praça da Rua de Pergoleze, passaram Alfredo Tinoco, José Bento e D. Luiz do Rego.

—A celebre troupe do «Torra Ossos», popular intervaleiro, que fez as delicias dos frequentadores da Praça da Cruz Quebrada, também lá esteve com a differença de em vez de fazer a pantomima do noivado e do Pinora, vinham todos de «smoking», de bom pano vermelho, colete branco, calção de setim preto, meia de seda, sapato de fivela e «claque».

Era sob esse trajo que a «Troupe do Torra-Ossos», imaginava os intervalos comicos, com que os franceses riam ás bandeiras despregadas.

Para se avaliar, a par destes inocentes aperitivos para o sorriso, a grandiosidade dos espectaculos taurinos em Paris, vou contar como os nossos cavaleiros foram o esmiuço de propaganda para a boa frequencia da ultima praça de touros de Paris.

O «Bois», nesse tempo em que não havia automoveis, tinha um movimento desusado de equipagens, desde a *laudauette* a tres ao *mail-couche* a oito.

Cavalos e facas de raça, rabo cortado, montados por milionarios, como se estivessem sentados em varandins e não com a elegancia dos montadores de cavalos arabes, percorriam as avenidas das Tilias, batendo sola como manda a lei... e uns sentados como em «fauteuils», de balanço deixavam-se levar por luzidios, bem tratados e finos cavalos a passo.

Nisto, por entre aquele vai-vem, apparecia a figura esbelta de Alfredo Tinoco no seu lindo e formoso corcel pigarço, das corteizas, rabo comprido, quasi tocando a terra, coisa que era rarissimo ver em Paris, grande laço de fita de «moirée», azul e branca... marcando em de solfa dez passos em cada metro de terreno... Ele, o Tinoco, figura elegante, calça de malha «gris», bota de verniz, frack preto e chapéu alto, redeas empunhadas nos braços arqueados á altura

dos bolsos do colete, era o espanto de todos aqueles *snobs*. Era um especie de *avis rara*... Quem seria aquele que se atrevia a usurpar todas as atenções do Bosque de Bolonha? Alfredo Tinoco...

Pois assim, Tinoco, «le grand maitre à cheval», levou uma concorrência enorme de gente chic á Praça de touros da Rua Pergoleze, fazendo ressurgir uma epoca, com uma verdade inegualavel de deslumbramento, para a qual os empresarios não se pouparam a despesas e cuja exhibição foi bastante instrutiva e ainda o seria, se se pudesse dar hoje igual mostra, no que respeita á historia do toureio da península iberica.

A praça da Rue de Pergoleze era uma especie de Coliseu dos Recreios, mas com o triplo.

Nem uma columna! A enorme cupula assentava nas paredes mestras, e nos seus cristais viam-se as côres espanholas e portuguesas isto é, amarelas e encarnadas e azues e brancas.

Não havia as conhecidas bancadas, de hoje, mas uma enormissima plateia circular com «fauteuils», forrados de «marroquim vermelho».

Quando do principio da corrida, a «quadrilha», formava como hoje, não faltando alinhados em ultimo plano os bem postos intervaleiros do «Pai Paulino», (Torra Ossos) no numero de sete.

Um autentico coche Luis XV, ladeado por moços de estribeira, com palaferneiros e gente de pé, rigorosamente vestidos e cavalos emplumados, dava a volta ao «redondel».

Nesse coche vinha o cavaleiro português que de dentro saudava a assistencia agitando o «tricornio».

E assim, no conjunto espectacular, a empresa expunha ricamente as duas formas do toureio peninsular, com todas as suas caracteristicas.

Pois essa diversão acabou em Paris ha trinta anos, sob a influencia da presidente da Sociedade Protectora dos Animais, apesar de não haver touros de morte.

Com uma tenacidade enorme, Louise Michel combateu, «à outrance», as corridas de touros em Paris e por fim, quando do colera em Espanha, conseguiu o seu intento pela razão de os touros poderem trazer para França o terrivel microbio, como se provou pela propaganda contra, feita até no «Suplemento do Petit-Journal», em cuja pagina principal appareceu uma gravura representando um touro amarelo com a cabeça do microbio, transpondo a fronteira pelo tunel dos Pirineus, com o seguinte letreiro:

«Ai vai a peste para França».

E assim Louise Michel venceu...

Outros tempos, outros costumes... e a «Union Tauromachique», vai fazer renascer o gosto pelo toureio em Paris... E nós que ainda hoje temos cavaleiros...

José Barbosa Junior

Silva Nogueira

Retratos artisticos nos generos: Carvão, Agua-Forte, Pointes Séches, aguarela e Oleo.

Photografia Brasil

Rua da Escola Politecnica, 141

CIMENTO
«AUDAZ» e «TENAZ»
Qualidade garantida para trabalhos de responsabilidade
UNICOS DEPOSITARIOS
Mello da Silva, Limitada
Rua Nova do Almada, 24-2.º D.
LISBOA
Telefone C. 587 Telegramas: Nellosequ

Mundanismo

A Caridade

No Politeama

Em recita de caridade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, subiu ontem a scena, pela primeira vez, a revista, em tres actos e oito quadros, da autoria dos aplaudidos comedigraphos srs. Acacio de Paiva e Chagas Roquete, com musica do inspirado maestro Filipe Duarte, «Soma e segue...», cujo desempenho estava a cargo dum brilhante grupo de amadores pertencentes á nossa primeira sociedade.

Os dois autores foram felicissimos na sua nova produção, confeccionando uma revista para o meio que ella era destinada, enchendo os tres actos de imensa poesia e sentimento, polvilhando-a de ditos de espirito, que fizeram rir a selecta assistencia, e á qual os notaveis amadores, em que figuravam alguns que pela primeira vez vimos no palco, deram aos varios personagens um extraordinario realce.

Começaremos por nos referir aos papeis femininos, que estavam a cargo das srs.: D. Laura de Abreu Reis Ferreira, que, mais uma vez, teve occasião de evidenciar os meritos de artista consagrada, emprestando-lhe, com a sua bela voz e vivacidade, extraordinarissimo relevo; D. Maria José de Barros Belmarço, que soube imprimir aos seus personagens uma verdadeira realidade, dizendo superiormente, sobre tudo no acto da comedia; D. Maria Adelaide Luz da Gama Sepúlveda, uma verdadeira caracteristica, dispondo de uma extraordinaria veia comica, soube ser sobria em gestos, conservando sempre o espectador em constante hilariedade; D. Maria Emilia Allen de Vasconcelos, que pela primeira vez vimos no palco, evidenciou ter vastas qualidades para a arte de Talma, deliciando a selecta assistencia com a sua encantadora voz de um timbre agradabilissimo, estando muito á vontade em scena, e D. Maria Sofia Pedreira Dart Costa, que cantou o fado, como elle deve ser cantado, fazendo vibrar a sua alma, com sentimento, foi, sem contestação, uma verdadeira cultivadora da «Canção Nacional», isto quanto aos papeis principais. Nos restantes concorreram, para o harmonico conjunto, as srs.: D. Raquel Pais Borges, D. Natalia Cohen Zagury, D. Laura Pais Borges, D. Maria Carlota de Sommer Viana, D. Eugénia Maria de Araujo Perestrelo de Vasconcelos, D. Maria Carolina Norton de Sommer Alzina, D. Maria Helena de Noronha (Vagos), D. Margarida Maria Luz da Gama e D. Maria Pimentel Pinto de Vasconcelos.

Na parte masculina, o primeiro logar pertence, sem contestação ao sr. Luis da Gama, que em todas as suas rubricas foi impecavel de graça, não se repetindo, Eduardo Brazão, disse muito bem todos os lindos versos e acompanhou Gama, durante o decorrer dos tres actos; D. Ascenso de Siqueira (S. Martinho), Pedro Paulo de Freitas Branco, D. José de Siqueira (S. Martinho), Duarte Anjos Diniz, Jorge Pinheiro de Melo (Arnoso), Bernani Folkie da Silva Reis e Jesual Benoliel, concorreram para o exito que a revista «Soma e segue...» alcançou. A illustre comissão organizadora da recita de ontem deve estar satisfeita pelo successo obtido, não só sobre o aspecto mundano, como financeiro, pois que o Politeama estava literalmente cheio, vendendo-se ai reunido tudo que de melhor conta a nossa aristocracia, e cuja nota não damos devido á falta de espaço com que luta um jornal do formato do nosso.

Esta revista repetir-se-ha novamente em recita de caridade no proximo sabado, devendo as pessoas que têm bilhetes marcados retirá-los de amanhã em diante das quatro as sete no «foyer» do teatro.

Estamos certos que «Soma e segue...» alcançará um novo exito.—D. Nuno.

Doentes

Encontra-se ha 15 dias retido no leito bastante incomodado de saude, o estimado medico de doencas das creanças, dr. Fuas de Matos.

No Chiado

Estão sendo muito apreciados os bifés no Café do Chiado. Todos os dias almoços.

A opera no Coliseu

«LUCIA DE LAMMERMOOR»
Repete-se amanhã com
MERCEDES CAPSIR

Hoje canta-se a «Bohème»

Por não ser possivel fazer ir já amanhã á scena, no Coliseu dos Recreios, como chegou a ser anunciado, a deliciosa opera de Rossini, «O Barbeiro de Sevilla», uma das mais belas criações de Mercedes Capsir, e satisfazendo o desejo manifestado á Empresa daquela casa de espectaculos, por inumeras pessoas, repete-se ali amanhã, excepcionalmente, a «Lucia de Lammermoor», em que a extraordinaria diva obteve, na noite da sua estreia, um triunfo como não ha memoria, e que uma grande parte do publico não teve ensejo de ouvir.

«O Barbeiro de Sevilla», será cantado numa proxima recita.

Hoje é a unica audição da «Bohème», em cujo desempenho entram, além de outros artistas, os sopranos Lili Axelrad e Sofia Vergé, o tenor Alessandro Rotta, o barítono Luigi Piazza e o baixo Pietro Friggi.

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

DE QUINTA-FEIRA

por Norberto de Araujo

O teatro é, como a política, um assunto de que todos entendem. É mesmo um assunto de ter à mão. Um assunto "facil". Ha—é claro—no teatro, como na política, os especialistas, os que lêem, sabem, estudam, profundam e neste laborioso e honrado esforço adquirem ideias que, ainda como na política, se resentem da origem: "made in France". Não se suponha que escrevo isto ironicamente: a erudição é necessária; o abuso dela é um inconveniente. A erudição por sistema, por base, por muleta, não traz grandes benefícios a causa alguma de um povo, seja que povo e que causa fôr.

A erudição, como o latim, é a "ba-sesinha", no dizer do editor de Coimbra, mas não vamos exigir que toda a vida moderna, plena de anciedade, "mas que tem necessariamente de se ajustar ao carácter, á indole e ao estado moral e psíquico de um povo", seja feita—em latim.

Quero eu dizer que o abuso da chamada "preparação", tolhe a liberdade, cria preconceitos, estabelece erros tremendos e desvia a verdade da vida progressiva de um povo. É uma espécie de subserviência mental, que dá, nas letras e nas artes, como na política, a perda da originalidade.

Um homem do povo, pouco lido e autorizado em sciencias politicas, sentê e presente muito melhor do que os "leaders", os fenomenos da politica, a sua eficiencia e a sua "oportunidade". A ignorancia não é uma virtude, senão no que pode ter de simples e de sincero. O exclusivismo do saber, porém, até nos temperamentos mais equilibrados, é sempre uma negação de actividade e de liberdade. Nas artes e nas letras, na politica e nas sciencias positivas—ha teologos.

O teatro português tem os seus. Tem-lhe feito algum bem, mas também muito mal.

* * *

Prefiro, em teatro, falar como povo. E por que é um assunto facil, um assunto muito á mão, traço hoje dois ou três pensamentos que não devem nada ao estrangeiro (senão no exemplo sadio que dele, aqui e ali, posso colher), e dirijo-me ao "povo", como eu, que me entende melhor, e mais abertamente aceita os meus modestos pontos de vista.

Venho ha ános escrevendo que é necessario em arte e em letras procurar nas raizes da grei, nas nossas qualidades e nos nossos costumes, na nossa nacionalidade esquecida, os fundamentos para a nossa vida de espirito e de beleza.

Libertarmo-nos do doce jugo estrangeiro, das sensações estranhas, das sugestões exóticas do que lá fora é muito bonito. Em romance, novela, cronica e poesia—temos um pouco mais de carácter. Em Teatro, deixamo-nos absorver pelo encanto alheio e perdemos a individualidade.

Alguns autores dramaticos, de ha meio seculo para cá—mesmo áparte o teatro historico um pouco passado (e vejam como admito a evolução) tem nobremente resistido. Dos autores contemporaneos mortos, e dos que estão felizmente vivos, ha documentos de teatro português, que ficam de pé. Sem falar de Marcelino e de D. João da Camara, cito, sem ordem, Dantas, Augusto de Castro, Eduardo Schwalbach, Carlos Selva-gem, Correia de Oliveira, Francisco Lage, Augusto de Lacerda, Afonso Gaio, Vitoriano, Ramada Curto, Norberto Lopes e Chianca de Garcia, num unico trabalho, Brun, Bermudes, E. Rodrigues, João Bastos, Lino Ferreira, Alfredo Cortez, Mendonça Alves, Tito Arantes, Tomás Colaço, Chagas Roquete, Tito Martins, José Paulo da Camara, Silva Tavares, Antonio Carneiro e, certamente, outros mais, cuja exclusão não é tendenciosa, mas consequencia de lapso momentaneo.

A maior parte destes escritores dramaticos não trabalha, e os que trabalham fazem pouco, porque os insucessos são desconsoladores, o publico tem ideias preconcebidas a respeito dos nossos originaes, e os emprezarios fogem deles, com mais ou menos razão aparente.

Dá-se então a invasão da tradução, naturalmente necessaria e util, quando seleccionada, quando indicada, e nunca quando sistematizada, pelo preconceito de que o que lá fora se faz é que é bom.

Não é! Nem sempre é! Na escolha de peças estrangeiras já se não procura o melhor, representativo de um esforço universal ou de uma escola que, como estímulo e ginástica, é necessario dar ao publico e ao nosso ambiente criador. As peças estrangeiras não se escolhem: caçam-se.

Pode o meu engraxador de escada supôr que escrevo isto porque, como amator de letras, como jornalista e como português, tenho tido a veleidade de alguns originaes. Ele engana-se. Sei bem o que quero, o que penso, o que escrevo, norteado apenas pela defesa do pensamento nacional e do predomínio da nacionalidade sobre a estrangeirada de refugio, quasi sempre.

* * *

Ha alguns anos disse a um cama-

rada meu e amigo, muito metido em negócios teatraes, rapaz de valor e de conhecimentos—Alberto Barbosa—que era necessario, para ganhar dinheiro, abandonar, dar de mão, um pouco á revista, e entrar, ele, nos assuntos populares, portugueses, cheios de encanto, de riqueza, e de "inedito". Não pesei no seu espirito.

Tambem a Lino Ferreira, excepcional temperamento, repeti isto, a ele, que não precisa dos meus conselhos, para lá se atirou com exito. A Araujo Pereira, a Matos Sequeira, a José Paulo da Camara, e ultimamente a Antonio Carneiro, como ao Pereira Coelho, que é um valor em teatro, tal qual aqueles, com sua originalidade e sua visão, disse, sempre que é na alma do povo que está a solução do problema teatral português. E, como todos os visionarios, citei assuntos e motivos teatraes na consolação das conversas, que não tem nada de reservado. E se não falei a emprezarios é que eles, que têm algum dinheiro para perder com companhias estrangeiras, pouco dinheiro possuem para aventurar em teatro português. E, demais, o emprezario—que possui a sua psicologia profissional—tem um ouvido para ouvir em correspondencia com outro para deixar passar.

Se cito estas cousas, é para tentar provar que ha muito tempo penso como penso hoje. Posso improvisar artigos: nunca improvisei ideias.

* * *

Osucesso da "Mouraria", e o exito popular do "Bairro Alto", de Avelino de Sousa, velho camarada, são provas, ainda insuficientes, de que a razão não estava longe do meu raciocinio. Se me preguntarem se aquilo é que é teatro nacional, eu direi que não o é, em absoluto, nem ele se encontra ali na sua perfeição. Mas é já alguma coisa. Transigir de mais com o publico—e na revista faz-se isso até o impudor, a ponto de rapazes de talento abdicarem do seu "ego", para assumirem a mentalidade do peor publico—é erro. Especular em demasia com motivos de agrado popular é matar o filão, desrespeitando a verdade, e corrompendo o encanto do gosto popular. Talvez o meio termo entre o teatro especulativo e o teatro do

UM
POUCO
SOBRE
TEATRO

snobismo intelectual, firmado esse meio termo no solo patrio e nos seus milhares de sugestões—seja o que "por agora", se impõe a emprezarios, autores, maestros, artistas e até ao publico.

Em qualquer caso o exito daquelas duas peças populares não é para desprezar; antes para estimular e aperfeiçoar.

Tudo se encontra nesta terra portuguesa, que dê arte, e que junte o util ao agradável, dado que não é de abstrações e irrealidades que se alimenta o teatro, pela porta da sua administração.

Os dois insucessos das companhias estrangeiras de José Loureiro e Luis Pereira—e não é por subserviencia misera que os classifico de dois grandes emprezarios—não são senão de lastimar. Esses insucessos materiais tanto podem provar que não ha dinheiro, como levar á conclusão de que o snobismo se cansou. Em todo o caso, a profecia estava feita. "Paris", pesa demais no balanço economico do publico de Lisboa, como já pesa em demasia na nossa mentalidade.

Vamos todos,—jornalistas para fazer ambiente e autores para criar e erguer de ruínas—a pôr de pé, ao menos por tentativas, teatro português (e teatro português não são peças em lingua portuguesa mas de recorte francês ou internacional), teatro que tenha o seu alicerce nos nossos costumes, ridiculos, habitos e qualidades, que tenha apoio no nosso sentimento, no scenario maravilhoso da nossa indole, no nosso fundo dramatico ou humoristico. Este apêlo é ingenuo, mas das ideias ingenuas tudo se não perde. Ha scenografos e pintores; ha artistas, e hoje o nosso meio teatral comporta algumas competencias de "mise-en-scene". Ha jornalistas e escritores, que um dia, sinceramente, desempoeirados de certas ideias demasiado fechadas no "enciclopedismo", parisiense—podem auxiliar a renovação do teatro português. Ha autores; ha sim senhor. Basta que abdicuem um pouco de seus atavios intelectuais e se entreguem á cultura do nosso solo, muito capaz de germinar rosas. E os Emprezarios acordarão dos vapores da sua "parisina", ficando-lhes ainda muitas semanas do ano para importarem arte estrangeira, na qual valha a pena arriscar libras e francos.

Estas coisas todas escrevo-as, não como homem que faz livros e tem o direito de querer fazer teatro. Escrevo-as como jornalista, cuja missão não é apenas a de adjectivar valores, e de tolerar preconceitos, ainda que innocentemente estabelecidos.

Norberto de Araujo

RESTAURANT
CAFE MODERNO

AMOEDO & PORTELLA, LTD.

43, R. da Gloria, 45

Frente á Avenida

Almoço: HORS D'OEUVRE, DOIS PRATOS A ESCOLHA, DOCE OU FRUTA OU QUEIJO COM VINHO BUCELAS: 9\$00, COM TR.S PRATOS A ESCOLHA, 11\$00.—Jantar: SOPA, DOIS PRATOS, DOCE, FRUTA OU QUEIJO E VINHO BUCELAS, 11\$00, COM TR.S PRATOS: 13\$00.
Tem serviço de lista com preços convidativos

V. Ex. encontra na "GERMANA" os ultimos figurinos, para o verão, assim como todos os artigos de papelaria.

Rua do Mundo, 115

Doenças nervosas

G. HIDROTÉRAPICO—duas salas duchas, C. Duque, 20, C. Gloria, 37, aberto das 8 ás 13, Te-
lef. N. 4457.

Companhia de Seguros A CONTINENTAL

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

Relatorio e Contas da Direcção no anno de 1926

SENHORES ACCIONISTAS:—Observando as disposições legais e estatutárias, ao vosso exame e consideração, vimos apresentar o relatório e contas referentes ao exercício findo em 31 de Dezembro de 1926.

Foi ele enlutado pelo falecimento do vogal efectivo do Conselho Fiscal, Ex.^{mo} Sr. Francisco de Assis Durão, que tantos e tão dedicados serviços prestou sempre à Companhia. Comovidamente pranteamos a perda de um amigo tão querido.

Não foi de resultados favoráveis o ano a que as contas respeitam, em virtude do grande numero de indemnizações pagas, mas a correcção e prestesa com que todas foram satisfeitas mais consolidaram o credito de que a "CONTINENTAL" vem usufruindo.

A conta de GANHOS E PERDAS, incluindo o saldo de 1925, de Esc. 415\$52, apresenta um saldo positivo de Esc. 1.032\$09, para o qual propomos a seguinte divisão e aplicação:

Para Fundo de Reserva legal, Art. 48, n.º 2 e Art. 49, n.º 1	500\$00
Para Fundo de Garantia, Art. 48, n.º 3 e Art. 49, n.º 2	500\$00
Saldo para conta nova	32\$09
	1.032\$09

Ao digno Conselho Fiscal os nossos agradecimentos pela sua criteriosa e inteligente colaboração.

A todos os nossos Delegados, Agentes e Correspondentes igualmente agradecemos o seu zelo e dedicação pela Companhia.

Todos os empregados continuam dignos do nosso louvor.

Estando vago um lugar de vogal suplente do Conselho Fiscal, tereis que o preencher por eleição.

Lisboa, 10 de Março de 1927.—Os Directores: Arthur Sousa Lima, Domingos José de Moraes e Orlando de Mello do Rego.

Balanço geral da Companhia de Seguros A CONTINENTAL em 31 de Dezembro de 1926

ACTIVO		PASSIVO	
Accionistas		Capital	
Sua responsabilidade	407.860\$00	Fundo social	600.000\$00
Caixa		Fundo de Reserva	
Dinheiro em cofre	6.785\$02	Valor desta conta	25.006\$06
Bancos		Fundo de Garantia	
Dinheiro depositado	39.785\$88	Idem, idem	10.162\$77
Caixa Geral de Depósitos		Credores por Acções Depositadas	
Depósito de Garantia	28.257\$50	Caução da Direcção e Conselho Fiscal	21.000\$00
Papeis de Credito		Companhias Resseguradoras	
Valor dos existentes nesta data	34.891\$47	Saldo desta conta	98.015\$36
Letras a Receber		Angariadores	
Valor das em carteira	2.305\$38	Idem, idem	11.785\$20
Despesas de Instalação		Correspondentes	
Saldo desta conta	4.000\$00	Idem, idem	50\$21
Móveis e Utensílios		Devedores e Credores	
Idem, idem	6.902\$27	Idem, idem	8.034\$49
Impressos, Chapas e Bandejas		Dividendos	
Idem, idem	2.220\$00	Saldo desta conta	7.979\$69
Acções Depositadas		Lucros e Perdas	
Caução da Direcção e Conselho Fiscal	21.000\$00	Saldo desta conta	1.032\$09
Imposto sobre Aplicação de Capitais			783.065\$87
Saldo desta Conta	969\$87		
Segurados			
Valor de recibos a cobrar	22.977\$74		
Correspondentes			
Saldo desta conta	48.105\$10		
Delegados			
Idem, idem	27\$48		
Devedores e Credores			
Idem, idem	105.145\$76		
Companhias Resseguradas			
Idem, idem	51.832\$40		
	783.065\$87		

Lisboa, 31 de Dezembro de 1926.—O Guarda-livros: J. Castro.—Pela Companhia de Seguros A CONTINENTAL—Os Directores: Arthur Souza Lima, Domingos José de Moraes e Orlando de Mello do Rego.

Conta de Ganhos e Perdas

DEVE		HAVER	
Sinistros	381.738\$75	de Saldo do ano anterior	415\$52
a Resseguros	185.169\$92	de Premios	419.280\$67
a Comissões e Descontos	49.206\$18	de Juros e Dividendos	9.651\$96
a Despesas com Sinistros	2.448\$29	de Liquidações Diversas	9.363\$04
a Despesas de Propaganda	11.607\$10	de Indemnizações recebidas de sinistros e saldos de avarias	293.382\$69
a Gastos Gerais	84.840\$85		732.094\$78
a Selos	1.361\$31		
a Impostos	14.692\$23		
Saldo	1.032\$09		
	732.094\$78		

Lisboa, 31 de Dezembro de 1926.—O Guarda-livros: J. Castro.—Pela Companhia de Seguros A CONTINENTAL—Os Directores: Arthur Souza Lima, Domingos José de Moraes e Orlando de Mello do Rego.

Parecer do Conselho Fiscal

SENHORES ACCIONISTAS:—Cumprindo o preceituado nos nossos Estatutos, verificamos mensal e meticolosamente as contas do Exercício findo em 31 de Dezembro de 1926, não só conferindo os valores em carteira, como também constatando a exactidão das diversas rubricas expressas na Contabilidade.

Ultimamente procedemos ao exame do Relatório e Contas da Gerencia do referido exercício, que achámos em harmonia.

Pelos motivos já expostos no Relatório da Direcção, infelizmente este exercício não sómente não permitiu uma retribuição ao capital dos senhores accionistas, como nem sequer uma pequena compensação aos esforços dispendidos pela nossa digna Direcção.

Resta-nos, porém, a satisfação plena de que os nossos directores souberam enfrentar a anormalidade do exercício, liquidando presta e correctamente todos os sinistros havidos, que bastantes foram. Tal procedimento consolida o já bem reputado nome da nossa Companhia, o que a este Conselho bastante apraz.

Concluindo, pedimos:

1.º—Que nos acompanheis num voto de sentimento pela perda do nosso colega neste Conselho o Ex.^{mo} Snr. Francisco de Assis Durão;

2.º—Que aproveis o Relatório e Contas da Direcção do exercício findo em 31 de Dezembro de 1926;

3.º—Que aproveis a proposta da Direcção para a aplicação do saldo da conta de Ganhos e Perdas;

4.º—Que aproveis um voto de louvor á Direcção pelo bom desempenho do seu cargo;

5.º—Que procedais ao preenchimento, por eleição, da vaga de membro suplente deste Conselho Fiscal.

Lisboa, 10 de Março de 1927.—O Conselho Fiscal: Manuel Costa Lima, Manuel da Costa Duarte e Augusto José Lopes Ferreira.

VINHOS VELHOS DO PORTO

(Finissimas qualidades)

PREFIRAM SEMPRE OS MEUS VINHOS!!!

: Bons descontos aos revendedores

NINGUEM COMPRE SEM CONSULTAR OS MEUS PREÇOS!!!

J. B. DE GOUVEIA RUA DO ALECRIM, 47, 2.º Telefone 2578 Central

Quebraduras

A **quebradura** é uma doença traidora, que, talvez, nos não incomode por agora, mas cujas consequências sentireis na velhice e constituem um terrível perigo de

Estrangulação

que não se evita com qualquer funda e pode causar a **morte** em poucas horas

As pessoas cansadas de comprar funda, que acrescentam com os seus incomodos os que são proprios da quebradura, as senhoras e as crianças, enfim, todas as victimas de quebraduras devem adoptar imediatamente os novos aparelhos de **MR. BLETY**, o grande ortopédico francês de fama universal. Milhares de pacientes tratados anteriormente atestam que estes aparelhos garantem em todos os casos:

"A perfeita e absoluta sujeição,"
"A diminuição progressiva e rapida,"
e a desapareição definitiva das

quebraduras ainda que sejam antigas, rebeldes e volumosas.

Desapareição imediata do perigo de **estrangulação** e de **todos os sofrimentos** inerentes ás quebraduras descuidadas; **suaves e comodos** não incomodam nunca, ainda que o herniado se dedique a **trabalhos de campo** ou outros trabalhos pesados.

A fim de atender devidamente o numero crescente de pessoas que nos honram com a sua confiança, a casa **BLETY** mantém em Portugal os seus dois mais competentes especialistas. Juntos ou separadamente recebem nas localidades em datas expressas em baixo.

Visitem esses especialistas com a mais absoluta confiança e não deixem de ouvil-os, porque com a demora periga a vossa saude. Tenham tambem presente que o imenso credito de que goza a casa BLETY é a firme garantia de todo o quebrado.

Homens, senhoras e crianças devem apresentar-se sem hesitação em:

LISBOA — 28, 29, 30 de Abril; 1, 2, 3, 7, 8, 9, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31 de Maio; 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19 de Junho—**Hotel Europa**, Praça Luiz de Camões.—Das 9 á 1 e das 3 ás 7.

CALDAS DA RAINHA — Domingo, 1 de Maio — **Hotel Central**.

SETUBAL — Quarta-feira, 4 — **Palace Hotel**.

GRANDOLA — Quinta-feira, 5 — **Hotel Avenida**.

FARO — Sexta-feira, 6 — **Grande Hotel**.

VILA NOVA DE PORTIMÃO — Sabado, 7 — **Hotel Central**.

MOURO — Domingo, 8 — **Grande Hotel**.

BEJA — Segunda-feira, 9 — **Hotel Rocha**.

VILA VIÇOSA — Terça-feira, 10 — **Hotel Meneses**.

ESTREMOZ — Quarta-feira, 11 — **Palace Hotel**.

EVORA — Quinta-feira, 12 — **Hotel Eborense**.

REGUENGOS DE MONSARAZ — Sexta-feira, 13 — **Hotel Antonio Lopes**.

Soeiro.

MORA — Sabado, 14 — **Hospedaria Antonio Nunes**.

MONTE MOR O NOVO — Domingo, 15 — **Hotel Natal**.

SANTAREM — Terça-feira, 17 — **Hotel Central**.

ENTRONCAMENTO — Quarta-feira, 18 — **Casa de Faustino**.

TORRES NOVAS — Quinta-feira, 19 — **Hotel Natalia**.

TOMAR — Sexta-feira, 20 — **Hotel União Comercial**.

AVEIRO — Quinta-feira, 19 — **Hotel Central**.

LEIRIA — Sexta-feira, 20 — **Hotel Central**.

ABRANTES — Sabado, 21 — **Hotel Comercial**.

PORTALEGRE — Domingo, 22 — **Hotel Central**.

ELVAS — Segunda-feira, 23 — **Hotel Ribeiro**.

CASTELO BRANCO — Terça-feira 24 — **Hotel Central**.

COVILHÃ — Quarta-feira, 25 — **Grande Hotel**.

GUARDA — Quinta-feira, 26 — **Hotel Estação**.

COIMBRA — 27, 28, 29, 30 e 31 — **Hotel Astoria**.

ESPINHO — Quarta-feira, 1 de Junho — **Hotel Beira Alta**.

PORTO — 2, 3, 4, 5 e 6 — **Grande Hotel do Porto**.

VIANA DO CASTELO — Terça-feira, 7 — **Hotel Central**.

BRAGA — Quarta-feira, 8; Quinta-feira, 9 e Sexta-feira, 10 — **Hotel Espanhol**.

PORTO — Sabado, 11 — **Grande Hotel do Porto**.

VILA REAL (Traz os Montes) — Domingo, 12 — **Hotel Tocaio**.

BRAGANÇA — Terça-feira, 14 — **Hotel Moderno**.

MIRANDELA — Quarta-feira, 15 — **Hotel Lopes**.

PORTO — Quinta-feira, 16 — **Grande Hotel do Porto**.

Recorrem este anuncio para não confundir as datas. Horas de Consulta, das 9 á 1 e das 3 ás 7 em Lisboa, Porto, Braga e Coimbra. E só das 9 á 1 nas outras localidades.

Importantissimo—Senhoras: aparelho especial contra descaimento da matriz (alivio instantaneo).

Espartilhos ortopédicos contra escoliosis, desvios e mal de Pot. **Faixas** de todos os modelos e para todas as deformações e toda a variedade de aparelhos ortopédicos construídos especialmente para cada caso.

Fabrica e Expedições: Barcelona (Espanha) Rambla de Cataluña, 65.

A Casa BLETY é registada em Barcelona (Espanha) e em todo o Portugal

AO MINISTRO DA AGRICULTURA

UMA REPRESENTAÇÃO

dos industriais de padaria de Lisboa

Ex.^{ma} Sr. Ministro da Agricultura.—Lisboa.—Os industriais de padarias de Lisboa e concelhos limítrofes, vêm, mais uma vez, conscientes da justiça que lhes assiste, representar a V. Ex.^a sobre assuntos da maior gravidade e importância, que muito importam ao regular exercício da sua indústria, assuntos suscitados pelas publicações dos recentes decretos n.ºs 13.444 e 13.460, respectivamente de 6 e 8 do mês corrente de Abril.

Ex.^{ma} Sr. Ministro: Antes de entrarmos propriamente na análise dos referidos diplomas, que vêm tornar ainda mais angustiosa a vida da indústria, que exerce uma função tão prestante e necessária, consinta V. Ex.^a que frizemos o incomportável sacrifício de capitais e actividades que vivem desde há meses sem a compensadora remuneração duma taxa que permita, sequer, o equilíbrio das suas pesadíssimas despesas com as receitas, agora mais que nunca cercadas. Enquanto a Comissão nomeada por portaria de 12 de Agosto de 1926, demora de uma maneira certamente justificada, os resultados dos seus laboriosos estudos; enquanto não são apresentados e conhecidos os resultados do trabalho, que se julgou oficialmente necessário, para determinar com precisão e consciência a margem de lucros legítima a atribuir à indústria da panificação, as instâncias competentes, encarregadas de resolver transitoriamente o assunto por meio dos frequentes e contraditórios decretos, reincedem no propósito e agravam o erro vizível de procurarem obter o aperfeiçoamento dum produto como é o pão, cercando sempre, e cada vez mais, a indústria os meios materiais de o poderem conseguir.

A questão da taxa da panificação não está esclarecida; no entanto, «a priori» resolve-se, em cada novo diploma, adensar cada vez mais, a teia das dificuldades levantadas ao exercício normal da respectiva indústria, determinando a sua ruína que irá, necessariamente, repercutir-se na Economia Nacional.

Os industriais de padaria de Lisboa e concelhos limítrofes, se não tivessem sido tão duramente experimentados pelo insucesso das suas anteriores reclamações, usariam agora exprimir a V. Ex.^a, muito respectivamente, o desejo de que tal assunto, vital para a indústria, obtivesse rapidamente uma solução definitiva.

Ex.^{ma} Sr. Ministro: O decreto n.º 13.444, elaborado no propósito de obviar às deficiências da legislação em vigor, de satisfazer certas reclamações formuladas pelos industriais de panificação, de estabelecer com equidade a importância a cobrar pelas respectivas licenças, e, finalmente, de promover o melhoramento das condições de acção e higiene das padarias, o decreto n.º 13.444 contém disposições que necessitam ser aclaradas ou modificadas, para que se salvaguardem os legítimos direitos e interesses da indústria de panificação.

Em 1 de Setembro de 1922 foi publicado o decreto n.º 8.361, com o Regulamento anexo para o comércio de trigos e dos produtos das indústrias de moagem e panificação do mesmo cereal.

O art. 67.º desse Regulamento estabeleceu determinados requisitos para a concessão das licenças para o estabelecimento e laboração de padarias e suas sucursais ou depósitos de venda. Contudo, na intenção de ressaltar direitos adquiridos, estabeleceu também, com excepção, no § 2.º do art. 69.º, para as padarias já então existentes, em laboração, em Lisboa e Porto, apenas a confirmação das licenças que já lhe haviam sido outorgadas, com dispensa de qualquer outra formalidade, e esta excepção foi ainda tornada extensiva para as padarias já construídas ou em construção na data do referido decreto.

Posteriormente, em 5 de Maio de 1924, foi promulgado o decreto n.º 9.638, aprovando a tabela anexa da actualização de receitas. Na verba VI dessa tabela ficou estabelecido que, pela concessão de licenças para estabelecimento de padarias, passadas pela Direcção Geral de Ensino e Fomento, a que se refere o art. 67.º acima citado, seria cobrada a importância de 500.000. Esta disposição continua a respeitar direitos adquiridos, e da sua redacção não pode deixar de inferir-se que tal imposto só seria devido pelas licenças expedidas posteriormente à referida data de 5 de Maio de 1924.

Recentemente, foi publicado o decreto n.º 13.444; e, no seu art. 3.º, determina-se que todas as padarias e suas sucursais de fabrico e de venda devam, no prazo máximo de quarenta e cinco dias a contar da sua publicação, estar munidas das licenças provisórias, mas seguidamente o § único do mesmo artigo declara exceptuados de tais disposições os estabelecimentos que já possuíam as respectivas licenças, nos termos do decreto n.º 9.638, a uniformizar-se de harmonia com a tabela estabelecida no art. 1.º

Este último decreto (n.º 13.444) continua, em nosso entender, a ressaltar os direitos adquiridos pelos antigos estabelecimentos, já porque não tem efeito retro-activo, já porque ele apenas se refere aos estabelecimentos a que se reportava o art. 67 do decreto de 1 de Setembro de 1922, e não aqueles que vêm mencionados no parágrafo 2.º do art. 69, do mesmo decreto, que são precisamente os que já existiam à data da sua promulgação.

Consequentemente, só por uma defeituosa interpretação dos textos legais acima citados, se poderiam considerar abrangidos por tais disposições os estabelecimentos com existência e laboração anterior à data do primitivo decreto.

Mas, se assim não fosse e houvesse realmente intenção de submeter todas as padarias existentes em Lisboa, ou a sua quasi totalidade, que são as estabelecidas antes do decreto n.º 9.638 de 5 de Maio de 1924, às disposições do referido artigo, impôr-se-lhes-ia, com mais iniquidade do que justiça, uma pesada contribuição, que, como corramento das medidas opressivas de que a indústria tem sido alvo nos últimos tempos, iria concorrer poderosamente para a sua ruína.

Os industriais de panificação de Lisboa e concelhos limítrofes, confiam no espírito de justiça de V. Ex.^a, a favorável aclaração deste importante ponto.

Aborda o art. 4.º deste decreto, a questão das condições de higiene e de acção irrepreensíveis nas padarias e suas sucursais de fabrico e de venda, responsabilizando os respectivos donos

ou encarregados pela falta destes preceitos. Porém, no art. 8.º indica como puníveis pelas respectivas infracções os proprietários dos estabelecimentos com multas de 250.000, 500.000 e encerramento do estabelecimento, respectivamente pela primeira, segunda e terceira vez.

No art. 4.º reconhece-se que ha infracções cuja responsabilidade não pode ser directamente atribuída aos donos ou proprietários; no art. 8.º apenas pune estes, e dum modo inteiramente desproporcionado. Coloca os proprietários das padarias na mão do pessoal que, assim, sem risco próprio, pode concorrer para que sejam aplicadas as pesadíssimas multas ou mandando encerrar o estabelecimento.

O acção e higiene das padarias é uma questão que esgota todos os esforços e meios materiais dos donos das padarias. Estes empregam todos os meios de persuasão e até de coacção junto do pessoal para conseguirem que se adoptem e respeitem os mais elementares preceitos. Porém, o pessoal de forma alguma altera, no geral, os hábitos da vida.

Os mais pequenos industriais zelam directamente os seus estabelecimentos e as grandes empresas mantêm um dispendioso corpo de fiscalização que, entre outras funções exerce a de promover a limpeza e conservação das condições higiénicas das instalações. Uns e outros têm pessoal permanente e eventual que diário e periodicamente, procede à limpeza, mas a verdade é que os hábitos do pessoal inutilizam, em pouco tempo, o dinheiro e o tempo dispendido.

Gastam-se anualmente algumas centenas de milhares de escudos na aquisição de roupas destinadas, quer às oficinas de fabrico, quer ao uso pessoal dos empregados, na conservação dessas roupas e na sua lavagem, sem que se obtenham resultados satisfatórios, porque o pessoal destrói, estraga, suja e faz desaparecer milhares de peças de roupa, sem que haja possibilidade de os responsabilizar a maior parte das vezes.

Todos os industriais ligam a maior importância a estes assuntos, mas estão convencidos de que, ainda por muito tempo, enquanto se não modificarem os hábitos de viver do seu pessoal salarizado, serão baldados todos os esforços a empregar.

No parágrafo primeiro do artigo sétimo determina-se que a licença definitiva só será concedida quando se verifique que o estabelecimento a que diz respeito tem condições higiénicas e obedece aos demais preceitos regulamentares. E esta outra disposição que, quando aplicada originará fundas injustiças.

Segundo a lei do inquilinato em vigor, decreto n.º 5.411, de Abril de 1919, com as alterações constantes da lei n.º 1.662, de 4 de Setembro de 1924, não podem empreender-se as obras nos prédios arrendados sem autorizações, dadas por escrito, pelos respectivos senhorios.

Não ignora V. Ex.^a, Senhor Ministro, a luta latente entre inquilinos e senhorios, em que estes aproveitam todos os pretextos para fazer desalojar os inquilinos, com mira em conseguirem rendas superiores.

Sempre os industriais de padarias têm encontrado as maiores dificuldades em cumprir em intimação de qualquer obras para beneficiação das circunstâncias de higiene dos prédios adaptados a padarias.

Em face do referido parágrafo, a situação dos industriais de padarias torna-se, de difícil que era, em insustentável. Realmente, o referido decreto n.º 13.444, fazendo prever que a intenção do seu autor será levar os donos das actuais padarias a obras para melhoramento das condições de higiene, esquece lamentavelmente a comunitária disposição que obriga os senhorios a consentirem nas obras intimadas pelas estações competentes.

Não sendo assim, continuando as coisas como até aqui, os inquilinos, industriais de padarias, permanecem na mesma situação, sujeitos às maiores probabilidades de verem desaparecer grande parte dos seus estabelecimentos, por via de acções judiciais intentadas pelos senhorios, com as máximas probabilidades de êxito, desde que cumpram qualquer intimação oficial. Se não cumprem essa intimação, são punidos, num caso corrente de intimação, com a sanção da alínea b) do art. 87.º do decreto n.º 8.361 de 1922; se é uma obra exigida para os efeitos do parágrafo em discussão, automaticamente o senhorio do prédio pôde impedir que seja passada a licença definitiva, prejudicando assim a indústria.

Nestas circunstâncias, osamos esperar que V. Ex.^a atente à situação que se cria aos industriais de panificação, situação em que as disposições legais aplicáveis brigam por tal forma que, para qualquer lado que nos inclinemos, corremos o risco de fazer sossobrar as nossas empresas e os capitais nelas invertidos, que decerto merecem a consideração dos poderes públicos.

Este um aspecto do problema. Mas há mais: razões de ordem moral e legal, e sobretudo de ordem económica, altamente atendíveis também. Grande numero de padarias de Lisboa são de construção ou adaptação antiga. Começaram a laborar e assim têm permanecido ao abrigo da legislação sucessiva, o que parece dever constituir direito de permanência agora em laboração, desde que conservem as circunstâncias em que lhes foram passadas licenças e respectivos diplomas.

Sob o ponto de vista económico, a indústria está atravessando um período excepcionalmente difícil, quer pelas circunstâncias de ordem geral, quer afectem presentemente toda a Economia Nacional, quer e principalmente pelas circunstâncias de natureza especial, entre as quais avultam as provocadas pela legislação mais recente sobre regime de pão, não podendo, consequentemente, enfrentar o problema da renovação, reforma ou modificação das suas actuais instalações, no momento em que a exigua taxa de panificação não cobre as despesas correntes de uma padaria.

Por todas as razões apresentadas, pedimos a V. Ex.^a que fique consignada na lei a maneira prática dos inquilinos obterem a licença para obras, quando intimadas pelas entidades competentes oficiais, e por outro lado se condicionem as exigências do referido parágrafo primeiro, as circunstâncias precárias da indústria.

O decreto n.º 13.460, de 8 de Abril, mantendo os preços de farinha de pão estabelecidos pelo

anterior n.º 13.031, de 15 de Janeiro do ano corrente, deixa sem a natural satisfação, as reclamações da panificação sobre a exigua taxa com que é forçada a trabalhar, e agrava, com uma série de medidas «injustificáveis», a situação precária, ruínosa mesmo, da indústria.

No seu artigo 14.º ao mesmo tempo que estabelece que o pão de meio quilograma será sempre pesado no acto da venda, não consente uma quebra superior a 6 por cento. Defendido o interesse legítimo do consumidor, pela pesagem obrigatória, que importaria a quebra de peso em cada unidade?

Por demais V. Ex.^a sabe que o consumo de pão é duma variabilidade que se não pode prever antecipadamente; que, por outro lado, o produto da nossa indústria, se não pode guardar porque perde as suas qualidades e está sujeito a rápida alteração. Nestas circunstâncias, a indústria necessita, muitas vezes, de diminuir os pesos por unidade, para utilizar em contrapeso os excedentes do dia anterior. Trata-se de pão duro, é certo, mas que tem sua natural utilização e seu valor, que o industrial não pode perder, nas circunstâncias precárias em que vive, e que seria sempre condenável desaproveitamento não utilizar, por mais prospera que fosse a sua situação.

Para evitar o inconveniente das sobras de pão, o industrial só teria um meio seguro: fabricar pouco; produzir a falta diária do pão.

Esta medida suscitaria reclamações do público e piorava a situação do industrial, diminuindo a laboração diária, já tão reduzida. Não era remédio, era um suicídio!

Também V. Ex.^a não ignora que os meios de que a indústria dispõe para dozeamento das massas, quer consideremos a indústria manual, quer mecânica, quer nos sirvamos de balanças, quer de máquinas diversas, são muito contingentes ou falíveis, porque no primeiro caso ha que considerar o erro pessoal do empregado manipulador, difícil de corrigir durante um trabalho extenuante, executado no meio dum noite perdida; no segundo caso, a máquina divisora divide volumes, não pesa, o que significa dizer que a maior ou menor concentração das massas altera inevitavelmente o peso dos pães. Depois, em qualquer dos casos, a pesagem ou a divisão das massas, é efectuada antes da segunda fermentação e da cozedura, que alteram também, duma maneira inevitável e imprevisível, dentro de certos limites, os volumes e os pesos.

Se isto é assim, como é que praticamente a indústria poderia corresponder «às exigências da lei»?

Também o artigo 14.º em referência limita o fabrico do pão de tipo legal ao formato de meio quilograma, excluindo, implicitamente, o fabrico em formato de quilograma. Com esta medida não se prejudica a população do centro urbano, mas especialmente as populações rurais emigratórias, que afluem nas épocas dos trabalhos agrícolas aos pontos extremos da cidade e que de há muito estão costumadas a esse pão.

Realmente, já a lei de 24 de Julho de 1899, para não irmos mais além, estabeleceu a obrigação do fabrico de um pão a que chama de uso comum, com o peso de mil grammas (artigo 63.º, § 2.º).

O Regulamento de 21 de Julho de 1911, no seu art. 57, § 2.º, igualmente consigna a obrigatoriedade do fabrico do pão, de mil grammas.

O Regulamento de 1 de Setembro de 1922, no art. 70.º, consigna igualmente o fabrico de um pão de uso comum com o peso de mil grammas. Posteriormente, todos os diplomas sobre o assunto, conservam, quando não a obrigatoriedade, pelo menos, a faculdade de se fabricar o pão com o peso de um quilograma, sancionando-se assim o uso estabelecido desde há muito e satisfazendo a necessidade de uma população menos abastada, que tem conveniência em consumir aquele pão.

O decreto n.º 13.460, como se verifica, não autoriza esse fabrico. Para a panificação, uma tal medida, não representa outra desvantagem senão a de os habituais consumidores de deslocarem o seu consumo para padarias rurais, mas é essa suficiente e só aproveita ao fabrico clandestino ou caseiro, que não paga contribuições ao Estado, que não está sujeito a fiscalização técnica ou de acção e higiene. Será razoável sacrificar assim a laboração das padarias da periferia da cidade?

Mas é sobretudo nos concelhos limítrofes, onde esta medida vai causar maiores prejuízos: aos consumidores rurais, que fazem semanalmente a sua provisão de pão e lhes convém os maiores volumes e as próprias padarias que têm o seu pessoal e os utensílios de fabrico de há muito preparados para produzirem este pão.

Em vista destas razões e porque não ha inconveniente de especie alguma, os signatários pedem a revogação pura e simples duma medida cujo alcance desconhecem e só tem desvantagens.

Igual medida solicitam a respeito da disposição analoga, do art. 18.º, que não autoriza o fabrico de formas de quilograma. E do conhecimento de todas as pessoas, ainda que pouco versadas em assuntos de panificação, que o sistema usado de cosedura das formas em caixas de folha de Flandres, determina, em igual expessura de massa, a cosedura por igual em formas de qualquer peso, e que, por consequência, a disposição da lei, ou antes, a falta da disposição da lei, permitindo o fabrico de formas de quilograma, só prejudica o consumidor que tem, em cada duas formas de quilograma, de depressar quatro cantos, quando, se a lei o permitisse, consumindo formas de quilograma, apenas reduzia o prejuízo a metade.

No art. 15.º do decreto em questão aborda, em quatro linhas, três dos problemas mais importantes em panificação: a má cosedura do pão, a humidade do pão e o excesso de acidez.

Em primeiro lugar, parece confundir questões muito diferentes: uma coisa é um pão bem ou mal cosido e outra é um pão seco ou humido. Um pão pode estar bem cosido e ter humidade demasiada; pode estar seco e mal cosido. Uma coisa é cosedura e outra é secagem, duas operações distintas em panificação.

Nos fornos descontínuos de que dispõe a panificação, uma cosedura perfeita é possível

obter à custa de inúmeros cuidados. A secagem é operação mais difícil de conseguir, porque, além da insuficiência dos fornos, depende do estado das massas, da natureza e percentagem do gluten, formato do pão, suas dimensões, etc., do numero de camadas que estiverem divididas as massas e do momento em que se doseia ou aprecia a humidade. E' sabido que o pão ao sair do forno, acusa uma humidade superior à que tem passadas horas.

Os nossos fornos aquecidos a 300º, pouco mais ou menos, operam a cosedura rápida em meia hora, todavia a secagem é imperfeita porque, ainda que pareça paradoxal, o miolo do pão não perde agua pela cosedura, porque, segundo a teoria de Pailland, confirmada por Vaindamme, o humidade da massa é conservada com uma diferença de 45,4 0/0 no pão depois de cosido, teoria explicada pelo principio de Woot (paredes frias) que a humidade da codea é em parte destilada para o interior do pão, conservando assim o seu teor de agua proximo da percentagem que tinha a massa.

Só uma cosedura prolongada e consequente espessamento da crosta produziria a diminuição da humidade, resultando um pão impróprio para o consumo.

Consequentemente, o limite máximo de 38 por cento de humidade exigido pela lei, em um pão cujo miolo tem à saída do forno 45,4 0/0 de humidade, é bastante se considerarmos os pães de formato pequeno, talvez exagerado neste caso, e é insuficiente no pão de formato grande e alto como se fabrica entre nós.

Se considerarmos que estas circunstâncias são agravadas por os fornos portugueses não possuírem reguladores exactos da tiragem, de modo a regular a tensão do vapor, que o poder de retenção da humidade pelo gluten varia conforme a natureza deste e sua percentagem, se, finalmente considerarmos que o pessoal manipulador procede empiricamente, não conhece a física e não utiliza instrumentos de precisão... concluir-se-ha como é complicado este problema da humidade, e como a indústria tem dificuldades em o resolver a contento do legislador.

Na Inglaterra e na America, onde se trabalha com os fornos saturados de humidade, o pão sai do forno com 44 0/0 a 45 0/0 de humidade (e está cosido). E' o que sucede, pouco mais ou menos, com o fabrico do pão de formas em Portugal, que, por consequência, terao sempre uma percentagem de humidade muito acima de 38 por cento.

Na Austria, com farinhas de primeira extracção, com 14 a 15 0/0 de humidade, com 10 a 15 0/0 de gluten seco, o pão acusa 42 0/0 de humidade.

Na Belgica, a percentagem de humidade no pão vai desde 31 a 40 0/0, conforme os tipos de pão.

As leis italianas consignam os limites de 25 a 40 0/0 de humidade no pão.

Na Suissa, a percentagem de humidade vai até 40 0/0.

Ora, se considerarmos que estes limites em todos os países são referidos a farinhas de primeira extracção, e que as farinhas de extracção superior ou maxima, como sucede no tipo unico decretado em Portugal, com uma extracção correspondente ao peso especifico do respectivo trigo, consequentemente com produtos «bis», (farinhas com sêmas) produzem pão com maior grau de humidade, somos levados a concluir, por mais esta razão, que a humidade fixada de 38 0/0 é insuficiente.

Este limite de 38 0/0 foi fixado em 1911, para farinhas que hoje se não panificam em Portugal.

Os industriais de panificação de Lisboa e concelhos limítrofes pedem, pois, a V. Ex.^a se dignem mandar rever este assunto por uma Comissão de técnicos competentes, de que dispõe o Ministério da Agricultura.

Outra questão de maxima complexidade é a de acidez no pão.

A fermentação panar é uma fermentação alcoólica proveniente da acção «sacromyces» que produz o desdobramento do amassar. O desenvolvimento deste micro-organismo, está dependente principalmente das condições de temperatura, humidade e arejamento das massas. As oficinas de panificação não têm meios de regular a vontade e segundo as necessidades aquelles factores da fermentação, a temperatura é a do meio ambiente da padaria, a humidade das massas foi empiricamente estabelecida pela adição da agua à farinha, o arejamento é sempre contingente, depende do trabalho do amassador, em parte mais assegurado nas padarias que dispõem de amassadores mecanicos.

Se em vez de se trabalhar nestas circunstâncias a fermentação se passasse em camaras fechadas, onde os três factores essenciais pudessem ser automaticamente regulados, onde, se conservassem as condições optimas do desenvolvimento do agente da fermentação panar, o que só é possível conseguir quando a industria de panificação seja protegida e não sacrificada, porque todas essas instalações são custosissimas; se fosse possível fermentar as massas, com o emprego exclusivo de leveduras seleccionadas que importamos do estrangeiro, e nos saem a mais de 10.000 o quilograma, para vender pão a 2.000, com farinha a 2.008; se fosse possível, emfim, evitar por todos os meios a infecção das massas e o desenvolvimento paralelo dos agentes das fermentações lactic, acética e butyrica, que predominam logo que se alteram as condições do meio; se fosse possível, emfim, ter em cada operario manipulador um bacteriologista, seria facil regular a acidez do pão.

Todas estas circunstâncias são de considerar no fabrico de quaisquer farinhas, mas muito mais no fabrico da farinha dum tipo unico, com produtos «bis», farinhas trigueiras de excessiva extracção, impregnadas de agentes das fermentações ácidas.

Nestas circunstâncias, como evitar os accidentes do fabrico, como os ultimamente motivados pela brusca elevação de temperatura, os originados pela infecção das massas, nas padarias que tem, como é sabido, uma flora iminentemente propria para a determinar, sem que seja possível reconhecê-la a tempo. Cada lote de trigo, cada saca de farinha, tem a sua flora propria nociva á fermentação normal das mas-

(Ver continuação na 10.ª pagina)

Barcos á Terra Nova

Consultem a

BOLSA DE SEGUROS

para seguros de cascos. Coberturas nas principais Companhias estrangeiras. Av. da Liberdade, 18, Lisboa. Tel. 4872 N.

Chá das cinco

Suposições

Os poetas têm muito o costume de, a propósito dum facto, uma palavra, uma fugitiva aparência, architectarem um romance...

São suposições de "imaginação", como ha suposições de raciocínio; umas fundam-se em logica, outras em fantasia, e, afinal, tanto podem errar umas como outras.

Numa das recitas de Jean Sarment, no "Pêcheur d'ombres", ficou ao pé de mim um official da Marinha, que me prendeu a atenção, porque lhe vi os olhos aguados, em certos momentos da peça, quando as observações profundas, do poeta que é Jean Sarment, transpareciam no dialogo, em que cada frase tem uma sugestão, um sentido. Nos intervalos, o melancolico espectador conservava-se de cabeça baixa, com a face encostada á mão, absorto. E eu comecei a architectar o romance... Era, tambem, um "Pêcheur d'ombres", naturalmente, não no sentido da loucura (se, acaso, não é uma loucura qualquer sentimento que nos atormenta e entristece...), mas no sentido de perseguir um sonho, que deixa o coração absorto e incapaz d'outra felicidade na vida... "Pêcheur d'ombres"! Até na frase ha um simbolismo melancolico e profundo... O que procuram todos aqueles que criam itusões, senão a "sombra" que lhes foge e que, até quando é a mesma, como na peça de Sarment, já não lhes parece igual?...

Maria de Carvalho

Um estabelecimento moderno

Na rua Garrett, centro indiscutível do commercio moderno, inaugurou-se hoje, um novo estabelecimento que veio trazer aquela elegante arteria, mais um melhoramento. Trata-se da papelaria Guia & Morgado, verdadeira "boite", de bom gosto onde se encontram as mais recentes novidades em artigos de papelaria, sendo para louvar a proficiencia profissional dos socios proprietarios pela acertada escolha que fizeram dos artigos do seu commercio, onde se encontram ao lado de verdadeiros objectos de arte, os mais praticos e as mais recentes inovações da industria de papelaria.

Impõe-se, pelo que fica dito, uma visita ao novo estabelecimento da rua Garrett, n.º 38, a compensar o belo esforço dos nossos amigos Guia & Morgado.

CAMBIO OFFICIAL

	Comprador	Vendedor
£Londres.....	94\$75	95\$00
£Madrid.....	—	3\$47
£Paris.....	—	\$77
£Suissa.....	—	3\$77
£Bruxelas.....	—	2\$72
£Nova-York.....	—	19\$58
£Amsterdã.....	—	7\$83
£Italia.....	—	1\$06
£Brasil.....	—	2\$31
£Praga.....	—	\$58
£Suecia.....	—	5\$24
£Austria.....	—	2\$76
£Berlim.....	—	4\$64
Libra esterlina.....	95\$00	97\$00

BOLSA

Preços effectuados a contado

Obrigações 6 1/2 0/0 1923.....	662\$00
Externas 1.ª serie.....	719\$00
Ações do Banco de Portugal.....	707\$00
do Banco Lisboa & Açores.....	460\$00
da Companhia de Seguros Sagres.....	—
da Companhia de Fósforos.....	120\$00
da Companhia dos Tabacos.....	1.090\$00
da Companhia do Gaz, 1922/23.....	—
da Companhia do Amboim.....	92\$50
da Companhia Colonial do Buzi.....	72\$00

A Cidade

TEATRO INTERNACIONAL

A arte

de Esperanza Iris

e a nova modalidade

em que se nos vai revelar

Esperanza Iris é um nome que tem 18 anos. Canta, aspira-se, embriaga, fascina como a luz intensa que dela rebrilha—tropical e ardente. Em frente do sorriso mexicano da actriz, humido de alegria, não alinho os meus cumprimentos, nem as minhas frases. Vejo-a de luto—o vestido, o chapéu levíssimo, que parece voar, o proprio olhar, com reflexos sombrios de veludo, a noite dos seus cabelos, densos e tristissimos. Acendo um cigarro e peço licença. O ninho do sol agasalha de ouro os joelhos de Esperanza Iris.

—Pode fumar. Eu não fumo. Nunca me pude habituar.

—Por causa da garganta?

—Não! Não tenho prazer. Experimentei e não gostei.

—O seu maior prazer: vestidos, "perros", flores.

—Tudo isso dentro do teatro. Ha um ano que não trabalhava. Um grande desgosto, o maior desgosto das mães...

—Meu filho! Mas o José Gouveia escreveu-me. Insistiu. Preparei as malas. Sai do meu teatro—teatro Esperanza Iris, na capital do Mexico. Fui a Habana. Dois meses apenas a encher tempo para vir a Lisboa. Oh! a minha dor diminuiu. Escondeu-se mais. Meu marido sorriu. Era a victoria da arte—a minha cura, o meu esquecimento.

A mulher que fez 200 operetas, energica, voluntariosa, empreendedora, fala agora da sua companhia. Não é o reclamo banal.

—Trago 70 "muchachas".

—De todos os países...

—... Da beleza. Aproveito as inglesas para os bailados e as francesas para o nú plastico.

—E as espanholas?

—Para tudo. Sobretudo—o "couplet". A beleza espanhola é provocante, viva, ofuscante. Não tem o ritmo, nem a serenidade das francesas. No entanto, tenho uma espanhola de formas harmoniosas, que é um prodigio de estatuaría.

—Sei que é pelas operetas.

Esperanza Iris não contesta. Desde os 10 anos que canta—voz de ouro, preciosa, em plena primavera.

—A revista é o espectáculo moderno—sei-o bem. O publico pretende o maravilhoso. Ha que lho dar.

—As suas revistas são de moldes espanhois?

—Não, franceses. Movimento, cor, schematizadas de cores. Scenarios maravilhosos—alguns mexicanos.

—Sketches,...

—Muitos. Um feito por mim.

—Tambem escreve?

—Estou escrevendo um livro de memorias. Não faço versos, mas arranjo, com facilidade, tão habituada estou, os libretos das operetas, mesmo os "couplets".

Esperanza Iris não mente. É uma energia e uma inteligencia de homem, num corpo de mulher.

—Sabe? Vou contar amanhã, no "Kiss-me", uma historia em português, que me contou um português. Trago lindas canções mexicanas. Sei que Frois teve um exito com a "Casita blanca". Pois as minhas ainda são mais delicadas, mais nostalgicas.

Falamos de "Frasquita", que Esperanza Iris gostaria de representar em Lisboa. Da sua estada em Paris, pela primeira vez, ha seis anos; das suas "tournées" a Espanha, onde ela encontrou as suas marcações scenicas, as suas inovações e renovações de teatro ligeiro. Como reparassemos no grande medalhão de ouro, a unica nota sobre o vestido negro, o cabelo negro, o olhar, a propria seda das meias—ela explicou:

—Só o uso quando vou em viagem. É a minha "mascotte". Amanhã já a guardo. Uma vez viajei sem o meu Sagrado Coração de Jesus. Tive tantos desgostos!

—É religiosa?

—Muito! Tenho tambem outra "mascotte". Uma cabeça de turca, com mais de trezentos anos, mumificada e reduzida ao tamanho duma mão, pelos processos misteriosos dos indios. Queria expô-la, assim com um adereço da imperatriz Carlota, a viúva do imperador do Mexico, ha meses falecida.

Esperanza Iris, que não tinha fumado, que só tinha sorriso, estava já cheia de sol que lhe brincava agora nas mãos longas, de dedos muito brancos. Era o final da entrevista. Amanhã o Trindade vai beijar de entusiasmo—"Kiss-me!"—a simpatica artista, que nunca se esqueceu de Portugal.

—Se soubesse os remorsos que eu tive de não poder voltar logo que parti! Basta dizer que só fui a Espanha depois de ter estado em Portugal—remata a grande artista.

O RECITAL

MARIA MADALENA DE SOUSA LIMA

Realiza-se amanhã, no Salão do Conservatorio, pelas 21 e 30, o primeiro recital de violino da sr.ª D. Maria Madalena de Sousa Lima, discipula do illustre violinista Francisco Benetó. A joven artista, que conta 17 anos de idade, será acompanhada ao piano pelo distinto professor Jaime Silva e executará o seguinte programa:

I—Concerto, Mendelssohn. I, Allegro molto appassionato; II, andante; III, Allegro non troppo, All.º, molto vivace.
II—Sonata n.º 1, Bach. (Para violino só). I, Adagio; II, Fuga.

III—a) Primavera, F. Benetó. b) Berceuse, Neruda. c) Habanera, Sarasate. d) Abeille, Schubert. e) Gitaná, Kreisler.



D. Maria Madalena de Sousa Lima

CAFE' CHIADO

Primoroso serviço de chá e café

Bifes á Marrare

POLITEAMA

PARA

testa artistica

da actriz Ilda Stichini

vai amanhã á scena

"A Morgadinha de Valflôr,"

A festa de Ilda Stichini, que amanhã se realiza no teatro Politeama, merece mais que uma simples referencia, pela ansia de arte manifestada pela intelligente actriz na remontagem propria da "Morgadinha de Val-Flôr" e pela oportunidade, que oferece, de se fazer justiça á figura feminina que, mais que promessas, nos está dando realidades consoladoras para o teatro português.

Num curto numero de anos, conse-



ILDA STICHINI

guiu Ilda Stichini, que surgiu do teatro ligeiro por incontestaveis meritos proprios, marcar um lugar excepcional, ganho com admiraveis processos de estudo e em moldes ineditos de clareza e modernismo.

O complicado feminino da dramaturgia francesa, a que as necessidades do nosso teatro obriga, passou a ter em Ilda Stichini a interprete justa, em matizes de nitida compreensão e fragil delicadeza, e a par da espontaneidade com que vibra as amorosas romanticas e ingenuas dos nossos mais portugueses escritores, como Pinheiro Chagas e D. João de Camara.

É a obra-prima do primeiro destes dramaturgos, que Ilda Stichini vai amanhã reviver, com scenarios e indumentaria da época, para o que conta com a colaboração experimentada de Leitão de Barros.

A curiosa "Morgadinha" terá em Ilda Stichini uma ideal interprete, acompanhada de Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, que serão um "Leonardo" e um "Luis Fernandes" dignos da galleria dramatica da mais perfeita obra romantica nacional.

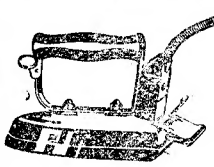
Aos corações bondosos

Edwiges Lopes, moradora na rua Damasceno Monteiro, A A, rjc, é uma pobre mulher que se encontra tuberculosa no ultimo estado e sem quaisquer recursos.

Os leitores que a auxiliarem com qualquer donativo, praticam uma boa acção.

NO CHIADO

Estão sendo muito apreciados os bifes no Café do Chiado. Todos os dias almoços.



PARA ELEC-
TRICIDADE
Cada 60\$00
GARANTIA 2 ANOS
R. Santa Justa, 87

A Cidade

Caligrafia

Aperfeiçoar-se rapidamente toda a qual-
dade de letra, por pior que seja, no an-
tigo Curso de Caligrafia, da R. Diário de
Notícias, 44, 2.º. Trata também na Cal-
cada do Garcia, 13, 2.º.

OS GENEROS

HOJE

Ja se vendem
na cidade de Lisboa
leite e manteiga
sem qualquer mistura

Ha dias, a Direcção da Associação dos Vendedores de Leite entregou ao sr. ministro da Instrução uma representação, na qual declara ter conhecimento de numerosos casos em que amostras de leite puro são dadas como de falsificado, pelo Instituto que as examina.

Quando o juiz auditor do Tribunal dos Mixordeiros e Açambarcadores, sr. dr. Ferreira de Lemos, que tem procedido em todos os julgamentos com uma isenção digna dos mais rasgados elogios, se dirigia hoje para a audiência, interrogamo-lo:

—Tem conhecimento da representação que os leiteiros entregaram ao sr. ministro da Instrução?

—Li no seu jornal a sumula das reclamações apresentadas pela Direcção dos Vendedores de Leite.

—Acha-as razoáveis?

—Ha realmente declarações graves, sobre as quais só o Instituto pode pronunciar-se. Os processos que têm sido submetidos a julgamento vêm, em regra, bem organizados e, quando succede apparecer algum com falta de elementos de prova, eu sou o primeiro a anulá-los em audiência.

—Nestes ultimos três meses têm sido julgados muitos processos?

—Uns trezentos.

—E absolvições?

—Têm sido absolvidos uns quarenta por cento.

—Nunca nenhum arguido pôs em duvida o exame das amostras do leite?

—Não, senhor. E se o fizesse, eu, como juiz, mandaria levantar um auto de investigação e iria até onde fosse necessário para descobrir a verdade.

—Os arguidos negam sempre o crime de falsificação?

—Negam. A desculpa é sempre a mesma: Que, tendo-se-lhe acabado o leite que diariamente compram ao seu fornecedor e tendo ainda dois ou três frezinhos por servir, recorrem ao primeiro vendedor que encontram, e compram o que lhe falta, cuja qualidade não podem garantir.

—Eles queixam-se que os fiscaes têm grande participação nas multas...

—Isso é verdade. Eu sou de opinião que os fiscaes deviam ser pagos condignamente e ter uma percentagem mais diminuta nas multas, para que se não levantassem certos rumores, como agora succede.

—Está convencido de que os fiscaes procedem com honestidade?

—A população de Lisboa deve um grande serviço a esses fiscaes dos generos, e até agora não tive uma unica reclamação contra o seu procedimento. Hoje já se bebe leite bom e se come manteiga digna desse nome, não só devido á acção da fiscalização, mas também ás sanções applicadas por este tribunal aos falsificadores de generos.

A CASA DAS RENDAS

ARTE E MENAGE

ALECRIM, 71, 1.º

— É QUEM AS VENDE MAIS BARATO E TEM MAIOR SORTIDO

NO CHIADO

Estão sendo muito apreciados os bifes no Café do Chiado. Todos os dias almoços.

AS DROGAS E A DESGRAÇA

A caça

e a perseguição

aos cocainomanos

ainda foi o assunto de hoje

—A menina está?
—Qual menina?
—A menina dona da casa.
—Ah! A Senhora Dona Lulu está deitada, e dorme profundamente.
—Então diga-lhe que acorde já, almoce bem, e vá ao Governo Civil á uma hora.
—Então que fez a minha rica senhora?
—A sua senhora — toma cocaína.
—Coca — quê?
—Coca — ina... Já lhe disse. Á 1 hora no Governo Civil.

Ora isto tem sido nos ultimos dias. O assunto é sério. Mesmo seriíssimo. Mas nada impede que a gente o trate com um certo bom humor.

A repressão feita pela policia é louvável, e a acção do agente Custodio das Dôres não é para censurar. E' para aperfeiçoar.

O caso é que, por declarações de um homem, cuja companhia foi apanhada o delicto flagrante de cocaína se descobriu uma rede de vendedores, intermediarios, compradores e tomadores da terrivel droga. E atrás das prisões ou das detenções vieram as denúncias. E atrás das denúncias novas prisões ou chamadas de raparigas — muitas das quais tem tanto com a cocaína como nós, que nem a cor lhe conhecemos.

—A menina é acusada de tomar coca. Ora isso é grave. A menina vai ficar presa.

—Eu? Oh meu rico sr. Policia...

—Não negue. A gente sabe tudo. Está aqui escrito. Quem a denunciou foi a Maria Xixi.

—A Xixi... Mas eu não sei quem é...

—Mas a menina não se chama, ou lhe chamam, a Duquesa do pé pequenino?

—Eu... Olhe para este meu pé. Tenho até muito desgosto.

—Não é a menina? Então foi engano. Mas sempre lhe digo que a menina está no principio da sua carreira, e ainda a tempo de se salvar. O lêm do sr. Doutor e este: salvemos as raparigas.

—Mas...

—Mas nada. Vá-se embora, menina, e tome cautela com o Custodio.

Isto assim pouco mais ou menos. E' preciso dizer que estes equívocos são naturais e obedecem ao intuito de atemorizar a população feminina que procura no vicio do estupefaciente a cura para as tragédias da sua vida. O que se impõe é a prisão dos verdadeiros criminosos, os que imprimem a droga, explorando o vicio, fazem da cocaína contrabando e negocio, e levam a tanto organismo, já de si debilitado, a morte proxima, a desgraça fisica e moral. Sobre estes tem o agente Custodio das Dôres exercido a sua acção, e o que é de desejar é que não vacile a policia nesta acção repressora, pondo a ferros os traficantes, e procurando deter o commercio do veneno embriagante.

Nos ultimos dias tem sido vexadas algumas senhoras que são apenas victimas de denuncia. Isso é que é preciso evitar. Os homens que exploram o vicio e o instigam é que merecem a atenção da policia. E quando uma desgraçada, com nome

mais ou menos conhecido, cai nas mãos dos agentes, supomos não se resolver, com a prisão, o problema da cocaína.

Os doentes não são criminosos. E o sr. dr. João Eloy bem sabe que dizer a um alcoolico que não se emborrache, ou a um vicioso da morfina que não se espicace, é a mesma coisa do que dizer á chuva que não caia.

Na policia, o que lá tem ido — são desgraçadas, ou senhoras victimas de equívoco. Os autenticos criminosos, escapam-se. O que é preciso? Que se lance mão dos negociantes, exploradores do vicio, e se ponham a recato, que se exerça fiscalização rigorosa nas farmacias e droguitas. Que se consiga revelações sobre os fornecedores do veneno.

Ora prender ou reclamar, por simples denuncia, toda a mulher de teatro, ou a papillon de um club não resolve o caso e dá ao acontecimento aspectos comicos.

Duas autenticas viciadas da cocaína, e ao mesmo tempo negociantes da droga — e isto é que se chama juntar o util ao agradável — estão a ferros. Coitadas! Dizem que faz pena. São mulheres na garra de todos os excessos. A este respeito, as grandes cidades são perfeitas Gomorras. Que lhes ha de fazer a autoridade? Hospital, cadeia, asilo, isolamento?

Mas á roda destes casos tragicos, a piada, o incidente humoristico apparece, a tirar ao assunto melindroso a sua gravidade.

—A menina confessa que cheira...

—Não cheiro, não, senhor. Isso é intriga da Micas. A Micas é que toma isso como uma danada.

E prende-se a Micas.

—Com que então a Micas também cheira.

—Eu? Só uma vez é que tomei isso de brincadeira, e vomitei as tripas. Jurei para nunca mais. O meu homem bem que-re, mas eu cá...

—E quem é o seu homem?

—Agora é o Rilhas, o senhor sabe. O que esteve preso por causa da moeda "al". coitado. Bom homem, lá isso...

Vem o Rilhas. E segue o cortejo. Vem a vizinha, que foi uma vez ao clubio, e aí principia o cortejo das suspeitas do vicio. Trabalho da policia, ralações do agente Custodio, habil e diligente, e ao cabo o caso da cocaína é um dedalo, e tudo fica na mesma: continuar-se a vender e a comprar cocaína e tudo o que se lhe parece — e a miseria fisica continuar a invadir as hostes das mulheres que «começam carreira».

—Salvar as raparigas é o nosso objectivo — dizia hoje o Custodio das Dôres.

O processo é que nos parece um pouco atribiliario. O sr. dr. João Eloy, superiormente, pensará como se ha de proceder no sentido de punir os criminosos e tirar ao acontecimento os aspectos vexatorios e comicos que se lhe podem encontrar.

Sortes grandes?

só o PINA as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

Leilões

Compra e venda de propriedades

JULIO F. DA CRUZ, Ltd.

(TELEF. C. 1822)

Hipotecas

Referencias bancarias e comerciais

TRESPASSOS

— Compram-se casas completas — 108, R. da Alfandega, 1.º

Pelos teatros

«O Gêbo e a Sombra»

Constituiu um verdadeiro exito artistico a primeira representação da peça «O Gêbo e a Sombra», de Raul Brandão, ontem, no Teatro Nacional. O nosso colega «Diário de Notícias» dizia hoje, sobre o desempenho da companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha, o seguinte:

«Alves da Cunha, que continua heroicamente cumprindo o seu programa do inicio da temporada, representa como grande actor. O «Gêbo» é um trabalho difficil. A composição do tipo foi superior, magnifica. Adelinha Abranches — foi a grande Adelinha. Está tudo dito. Berta de Bivar, com intelligencia, com segurança. Ribeiro Lopes fez o «João»: interpretou-o com alto criterio artistico. Luis Pinto desenhou com caracter o «Lamigo». Elvira Velez, certa».

Por absoluta falta de espaço, o «Diário de Lisboa» não publica hoje a critica sobre o «Gêbo» e a «Sombra».

Lina Democel

Surge, brevemente, no Teatro Apolo, a frente duma companhia de «feeries» dirigida pelo empresario Almeida Cruz, que inicia os seus espectaculos com a revista «Cozido á Portuguesa», — a elegante e distinta «estrela» Lina Democel, cujo nome marca hoje um dos mais escolhidos e mais brilhantes valores do teatro ligeiro. Lina Democel será a figura moderna e prestigiosa, que conduz a revista, para quem os auto.es estão escrevendo expressamente uma serie de papeis, entre eles o «Coração de Portugal», que vai, certamente, obter o mesmo exito e a mesma voga das «Rosas», criação que a inconfundivel actriz popularisou em Lisboa e no Brasil.

Atrás do reposteiro

Na «tournée», que a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha vai empreender no dia 5 de maio, está compreendida uma série de espectaculos no Teatro Sá da Bandeira, do Porto, com o seu novo repertorio, entre ele a peça de grande espectaculo «O Homem e os seus fantasmas».

—Ida Stichini continuará á frente, como empreezaria da actual companhia que tem funcionado no Teatro Politeama, e Alexandre de Azevedo que se desligará da mesma, vai organizar um grupo de que será empreezario.

—Está reorganizando a sua companhia o actor Gil Ferreira, que em breve vai trabalhar no Teatro do Gimnasio. Já foram contratados os actores Joaquim de Oliveira e Antonio Gomes.

—Fala-se uma proxima «tournée» ás Americas do Norte e do Sul duma companhia dramatica, que está sendo organizada por uma conhecida actriz.

—A cantora Manuela Pinto Bastos dará, no dia 1 de maio, um concerto, no Teatro Rosa Damasceno, de Santarem.

—Partiu hoje de manhã para o Porto, estreando-se esta noite no Teatro Sá da Bandeira, a Companhia Lucilla Simões-Erico Braga, que aldemorará até ao termo dos espectaculos, no Teatro da Trindade, da Companhia Esperanza Iris.

—Está marcada para o dia 4, com a «reprise» de «O paralitico», a recita do camaroteiro do teatro Nacional.

—Continua em tratamento em sua casa, tendo-se accentuado as suas melhoras, a actriz Auzenda de Oliveira.

—O pequeno tocador de «harmonium» Aleixo, que ultimamente se exhibiu no Coliseu dos Recreios, vai exhibir-se brevemente no Porto.

—Pelo vapor «Lima», chegaram noticias confirmando o successo da companhia Amelia Rey Colaço, no Funchal, cuja empresa recebeu proposta para mais uma serie de quinze espectaculos, no regresso da companhia, e ainda outro contrato para o Fayal.

—A revista «Secretario dos amantes», em scena no Foz, passa desde hoje a ser representada em «matinéas», ás 15, e em «soirées», ás 21 (sessão unica), abrindo os dois espectaculos com «films».

—José Loureiro e Erico Braga contrataram a celebre «tonadillera» Raquel Meller para uma série, apenas, de quatro recitas, em «Fim de Festa», com os espectaculos da companhia Lucilla Simões.

—Continúa marcada para o dia 1 de Maio a estreia da companhia Nascimento Fernandes, no teatro Politeama, inauguração da epoca de verão neste teatro e «première» da opereta, sem musica, «O Turco do Khariz».

—A pedido do bispo da respectiva diocese, a companhia Filomena Lima-Alvaro Pereira, que hoje se despede no teatro Virginia, em Torres Novas, e amanhã se estreia em Abrantes, repeti-tu em Leiria, no teatro Maria Pia, a oratoria «Jesus Nazareno».

UMA INSTITUIÇÃO DE BENEFICENCIA

A Ordem Terceira

DE S. FRANCISCO DA CIDADE

e o seu Hospital

AZILO

e Recolhimento

Sabíamos da existência de varias Ordens Terceiras em Lisboa mais pelas noticias de suas festividades religiosas, do que pelas suas obras de beneficencia e assistencia.

No Porto, conhecemos ha muito, algumas Ordens Terceiras que têm serviços hospitalares dignos de registo, tendo adaptado os seus edificios, ampliando-os e enriquecendo-os com instalações magnificas, como por exemplo a Ordem Terceira da SS.^{ma} Trindade que possui, segundo a opinião dum abalisado medico operador, talvez a melhor sala de operações do país.

Lamentando, nós, ha dias, em conversa, que estas Instituições seculares, vivessem, na sua quasi totalidade, com tanta humildade e quasi ignoradas, em alguns casos, por falta de recursos, e em outros, por carencia absoluta de iniciativa e coragem para arrostar contra a rotina, alguém que nos ouvisse, disse, que em Lisboa havia uma Ordem Terceira, a de S. Francisco da Cidade, que ha dois anos tinha aberto as portas do seu vasto edificio ao tratamento de doentes estranhos á Instituição com grande concorrência de enfermos, na sua grande maioria para ali mandados pelos mais distintos medicos operadores da capital, e se as suas novas instalações hospitalares ainda não atingiam a perfectibilidade desejada, todavia já representam alguma coisa de bom e promettedor de uma grande obra, fruto de uma iniciativa tenaz, inteligente e bem orientada.

Fala o reverendo Mergulhão

As informações do nosso amigo aguçaram de tal modo a nossa curiosidade, que resolvemos ir obter de visu, a sua confirmação. Lembramo-nos de recorrer ao Rev. Mergulhão, que ha muitos anos exerce junto daquela tão veneravel Ordem, o cargo de Commissario, por isso fomos á Rua 16 de Outubro, n.º 33, (antiga R. Serpa Pinto). Detivemo-nos um pouco a contemplar a fachada exterior do edificio: é severa e vasta, e a entrada principal dá a ideia de uma portada de Igreja, onde se desenhava nitidamente o cunho piedoso e místico de uma tão religiosa Instituição. Entrámos; sômos abordados pelo porteiro que amavelmente nos atende, e enquanto, ele solicita, manda chamar o Rev. Mergulhão, nós passeamos os nossos olhares pelo amplo, elegante e aciado atrio. Bancos de coiro tauxiados enfiavam-se ás paredes; ao lado direito da elegante arcada que dá acesso á escadaria, uma cadeirinha Luís XV com o brazão da Ordem: do lado esquerdo um bufete e cadeira D. João V, nos angulos direito e esquerdo, dois potes bojudos e avantajados de cobre reluzente, etiquetados cada um com a palavra *Limoeiro* e *Aljube*, respectivamente, recordando-me então da distribuição, que, no dia de Pascoa, esta Ordem fazia aos presos das cadeias civis, que aqueles potes eram, sem duvida, as reliquias que nos lembravam um piedoso legado extinto.

A humildade franciscana

Pelas paredes, tabelas de preços das varias dependencias hospitalares, avisos lembrando artigos de regulamento, avultando as plantas emolduradas da nova sala de operações e balneario, projecto do distinto architecto Silva Junior, trabalho por elle gratuitamente cedido, a esta Instituição, obra importante, mas dependendo a sua execução de muito dinheiro, para o que, sob estas molduras se faz um apelo á caridade; e, finalmente, uma lapide singela onde se lê o seguinte: — «Ao benemerito Commissario desta Veneravel Ordem, Fr. Domingos da Cruz, fundador deste hospital no ano de 1671 a 1673, consagra, oferece e dedica a actual mesa administrativa ad perpetuum rei memoriam. 4-10-1926».

Quando intimamente divagavamos sobre a humildade franciscana desta lapide e sobre a grandiosa e benemerita obra do humilde Frade Commissario e fundador, appareceu-nos risonho e acolhedor o actual Commissario, Rev. Mergulhão, com o seu rosto assembrado por longas e encanecidas barbas, semelhante solitario monge dos tempos idos.

O Rev. Mergulhão conduziu-nos para a ampla sala de sessões, onde em lugar de honra se divisa uma copia muito aceitavel do celebre quadro de Fra Angelico, representando S. Francisco em oração, além de muitos retratos de benefactores da Ordem, dando a este recinto tom grave e austero algumas cadeiras antiquissimas e de bastante valor que ladeiam a mesa presidencial.

Então, o P.^o Commissario, com aquela franqueza e bonhomia que tanto o caracterisam como bom beirão — que é, manifestando o seu regosijo por nos ver naquella humilde casa de S. Francisco, declarando-nos ao mesmo tempo, que estava inteiramente ao nosso dispor.

Sem preambulos, pedimos-lhe licença para o entrevistar acerca da Veneravel Ordem e seu hospital.

— Meu caro, enganou-se na sua escolha; outros lhe poderiam dizer coisas bem mais interessantes do que eu, no entanto, queira dizer o que é que mais o interessa saber.

A historia da Ordem Terceira

— E' muito antiga esta Ordem Terceira? — E' coeva do seu Santo Fundador.

— Como, assim!

— Eu lhe digo: O Santo Povorello de Assis após a fundação da sua Terceira Ordem, foi convidado por D. Sancha para vir a Portugal; embora, promettesse a esta piedosa princesa aquiescer ao seu pedido, todavia, acometido de doença subita, mandou em seu lugar o seu grande amigo e companheiro Fr. Damião. Como ao tempo a corte estivesse em Alemquer, o referido frade aí foi recebido com grande apazimento de El-Rei e a Rainha e de toda a corte, e na capela do Paço instalou a primeira Ordem Terceira, de Portugal, da qual logo fizeram parte o proprio Rei e Rainha e demais fidalgos e muito povo. Em seguida, o mesmo Fr. Damião veio a Lisboa fundar o convento de S. Francisco da Cidade e nos claustros, em capela minúscula, da invocação de N.^{ra} Sr.^a da Piedade fundou esta Ordem.

— E' curiosa esta historia!

— E' pouco conhecida, pôde acrescentar.

— De modo que...

— Tem esta Ordem a honra de ser instalada em Lisboa, no seculo XIII por um dos mais dilectos filhos e companheiro do S.^{to} Patriarca de Assis.

— Julgo que nos seus principios esta Instituição não podia exercer a sua acção beneficente e de assistencia, o que só succedeu muito mais tarde, como dão a entender os dizeres duma lapide que ha pouco vi e li no atrio.

— Não é bem assim, como vai ver. Além do fim espiritual que S. Francisco teve em vista com a fundação da sua Terceira Ordem, outro não menos sublime presidiu na mente do Santo, a saber: o exercicio da caridade, dispensada sobretudo no tratamento dos leprosos, e assim esta Ordem e outras perderam muitos dos seus filhos por serem contagiados pelo terrivel mal, no exercicio da sua santa missão.

— E' admiravel!

— Mas ha mais. A nossa Ordem tomou parte na fundação das primeiras gafarias, secundando juntamente com outras Ordens congeneres o santo proposito dessa caritativa fundação, devida á nossa Rainha Santa Izabel, que se orgulhava de ser irmã treceira de S. Francisco.

— Seria o tratamento dos leprosos a causa principal da fundação deste hospital?

— Não é isso que se deduz dos motivos alegados pelo proprio fundador.

O amparo dos nossos irmãos

— Quais foram esses motivos?

— Obviar a que os seus irmãos morressem ao desamparo e sem assistencia medica, e evitar; o que já por vezes acontecia encontrarem-se irmãos terceiros mendigando pelas ruas. Por conseguinte, é facil concluir, que Fr. Domingos da Cruz, teve em vista não só fundar um hospital, mas tambem, um asilo e, quicá, um recolhimento anexo. E assim foi sempre interpretado, porque desde o principio, esta Ordem Terceira teve, além do seu hospital, os dois anexos referidos, sendo até estes — o asilo e o recolhimento — os que mais nos tem preocupado por causa da carestia da vida que nos inibia de os poder sustentar, antevendo, por vezes, a tristissima contingencia de fecharmos as portas aos nossos pobres.

— Eu julgava que esta Ordem tinha fortes rendimentos que lhe garantiam uma vida desafogada...

— Teve, teve. Pouco depois da fundação do hospital, dizem os cronistas do tempo, que afluíam em grande numero os subsidios, doações e testamentos e, por isso, logo tomou grande incremento esta Instituição sob a administração cuidada e inteligente de varias mesas administrativas, de que faziam parte os principais homens bons daquele tempo; depois, veio a cristalização mais ou menos nas velhas rotinas, consonantes as mesas administrativas que a governaram, até que veio esta grande crise que nos oprime depois da guerra, e foi então que nós vimos, apavorados, esta benemerita casa e Instituição prestes a ruir com todas as suas glorias, virtudes e benemerencias; mas, graças a

Deus, o maior perigo desapareceu, e já estamos mais tranquilos.

— Deve ter sido gigantesco o esforço empregado para evitar tão desastrado fim!

— Nem o senhor nem quasi ninguém pôde calcular o que isto foi, e o que isto custou, só Deus o sabe!...

O rosto do Rev. Mergulhão contraiuse, e, passando as mãos finas pelos cabelos encanecidos e em desordem, pareceu, pelo gesto, afugentar para longe a negra reminiscencia das sensações torturantes de uma grande contrariedade e desgosto, continuou:

— Ha mais de 23 anos que estou aqui, o como deve compreender, eu tenho uma amizade tão grande a esta casa como se fôsse só minha, e se não se tratasse de coisa tão santa como é esta Instituição, eu diria, com os bons homens da minha Beira: — «esta amizade até parece pecado».

— A frase é bem regional...

— Pois, meu caro, alguns devotos irmãos nossos, uniram-se comigo, e através de mil contrariedades, conseguimos organizar uma Comissão de Donativos que quasi sustentou esta casa perto de três anos.

— E' extraordinario!!

— Não é, A caridade, é inexgotavel no coração da gente desta boa terra portuguesa.

— Sempre?...

— Em geral, sempre; mas como sabe, uma Instituição destas não podia ater-se a viver da contingencia duma esmola, por isso era preciso criar uma receita mais ou menos certa que podesse habilitar-nos a fazer frente aos graves encargos que impendem sobre ela.

A obra do padre Nogueira

— E encontraram os meios de conseguir esse desideratum?

— Estamos convencidos pelos resultados já obtidos, que a Veneranda e benemerita Ordem Terceira de S. Francisco da Cidade ha-de completar o seu triunfo sobre as dificuldades e contrariedades que quasi a subverteram.

— Oxalá assim seja!... E podia-nos dizer a que se deve essa grande iniciativa?

— Da melhor vontade. A iniciativa, ou melhor, a ideia de arranjar uma coisa que desse o preciso, adejava, mais ou menos, na mente de todos, mas a escolha definitiva do meio a empregar e de o pôr em pratica deve-se quasi exclusivamente á força de vontade, tenacidade e intelligencia do actual ministro da Ordem, Rev. Domingos Manuel Fernandes Nogueira, actual prior da freguezia da Lapa desta cidade.

— Estou a ver já que esse meio foi a admissão de doentes estranhos no Hospital da Ordem?

— Exactamente; e note bem que esta resolução unanimemente tomada pela actual mesa administrativa a que preside o Rev. Prior Nogueira e sancionada pela assembleia geral em nada contraria os primitivos fins da Instituição, pois que este grande melhoramento é reputado um anexo que é permitido pela Igreja ás Ordens Terceiras, contanto que não colidam com os fins espirituais das mesmas ordens, mas com elles estejam de accordo.

— O Rev. Commissario poderá mostrar-nos o hospital?

— Com todo o gosto, e nem mesmo eu o deixaria ir embora sem isso. Vai ver o que a tenacidade dum homem activo e energico, bem ajudado pelos seus colegas da Mesa é capaz de fazer em quasi dois anos, não esquecendo que quasi tudo, pelo menos o que respeita a mobiliario, utensilios, ferros, sala de operações e mais dependencias da especialidade de serviço medico e cirurgico é novo e adaptado em parte.

— Em tão pouco tempo, é assombroso!

O serviço hospitalar

— Queira ter a bondade de acompanhar-me. Neste pavimento ha ainda alguma coisa que desejo mostrar-lhe, mas fica para o fim.

O Rev. Mergulhão sóbe lesto a ampla es- (Ver continuação na 9.^a pagina)

A'S 21 e 30 **TEATRO NACIONAL** TELEF. N. 3049
COMP.^a BERTA DE BIVAR-ALVES DA CUNHA
HOJE:
O GEBO E A SOMBRA

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
— COMPANHIA SATANELA-AMARANTE —
HOJE: A's 21,30
Representação do "vaudeville,"
O bom ladrão

A's 9,15 horas **TRINDADE** Telef. T. 976
AMANHÃ:
ESTREIA DA COMPANHIA ESPERANZA IRIS
KISS-ME (Beija-me)

POLITEAMA Empresa Luiz Pereira
— Telef. N. 3023 —
HOJE
Recita dos cronistas mundanos
OS FILHOS

A ASSISTENCIA PORTUGUESA

A obra de caridade

QUE HA ANOS VEM EXERCENDO

(Continuação da 8.ª pagina)

cadaria, desmentindo os achados de que sempre se queixa e também—porque não dizê-lo—a sua idade, visto que a si mesmo frequentemente se chama velho.

Disse:

—Como vê, estamos no primeiro pavimento, destinado ao serviço hospitalar e o que mais profundas reformas sofreu.

O nosso Reverendo Comissario procura um botão electrico e aparece quasi logo o chefe de enfermagem, sorridente, e irrepreensível de accio com a sua bata branca, esmaltada com duas estrelas douradas e com braga de carmezim com cruz de ouro que, por indicação do nosso entrevistado, abre a porta da sala de operações. Não é espaçosa, mas nota-se que foi uma adaptação feliz e impressiona bem o seu aspecto de impecável accio, onde a brancura das tintas, o brilho dos metais e os apetrechos cirurgicos, dão a nota característica da intensidade dos trabalhos a que se destinam.

—Todas estas coisas foram compradas de novo e além da mesa operatoria do mais aperfeiçoado sistema que além vê ha mais esta e aquela que foi oferecida pelo nosso ministro, diz o Rev. Mergulhão.

—Quantas operações terá havido?

—Não irei muito longe da verdade afirmando que talvez mais de 200, visto que desde a inauguração, até ao presente, já transitaram pelo nosso hospital perto de 300 doentes e quasi todos foram operados.

—Este movimento em tão pouco tempo prova que esta Instituição exerce a preceito a caridade cristã para com os que sofrem.

—Assim é, e com orgulho o posso dizer, é esse o nosso maior réclamo.

—E nem outra coisa era de esperar de uma casa de indole tão santa.

—Aqui é a sala de visitas; é modesta, assim é preciso para imitar o nosso Santo Patriarca no seu amor á sua irmã pobreza, diz-nos o Rev. Mergulhão.

—Esta sala é espaçosa, cheia de luz que passa por uma ampla janela de sacada que olha para o jardim. Não tem luxo, mas impressiona na sua eloquente simplicidade e tem severo que lhe imprimem os quadros a oleo de assuntos religiosos que lhe ornem as paredes.

Depois, passamos ás enfermarias de S. Roque (cirurgia) e S. Francisco (medicina). Sempre o mesmo accio, luz a jorros e os leitos brancos de neve, fazem magnifica impressão e quasi provocam o appetite de ali nos deitarmos.

Uma enfermaria da primitiva

O Rev. Comissario, chama-nos a atenção para o titulo da enfermaria de S. Roque, diz-nos:

—Esta enfermaria representa a primitiva da fundação; o santo seu patrono, terceira Franciscana, quando tratava os leprosos adquiriu a terrível doença que o vitimou.

—Do primitivo hospital, nada resta?

—Creio que apenas alguns fundamentos e abobadas do rez do chão; e quando do terramoto quasi ficou arrazado por completo.

O Rev. Mergulhão indica-nos um quarto junto da farmacia, e diz-nos:

—Aqui tem um dos quartos de 1.ª classe; veja se merece a classificação.

—Magnifico! São todos como este?

—Melhor ainda, e sinto não lh'os poder mostrar por estarem occupados por doentes recentemente operados.

—Se os restantes são melhores que este, bem os podem classificar de principescos.

—Tanto não, meu caro, não exagere; são apenas mais amplos e com duas janelas sobre os jardins.

—Belo!...

O serviço de farmacia

—Agora, estamos na farmacia. E' pequena e sem aparato, mas tem o suficiente para aviar qualquer remedio, satisfazer qualquer requisição de urgencia.

—Muito bem; e tem farmaceutico diplomado?

—Claro; nem podia deixar de ser para

a Veneravel Ordem

TERCEIRA

de São Francisco

um serviço de tanta monta e responsabilidade. Olhe, lá está ele, sentado á sua secretaria. Tem já uma bonita idade, é nosso recolhido, e é hoje consagrado benemerito desta casa, pois presta os seus serviços gratuitamente e tem oferecido donativos importantes.

Apertei efusivamente as mãos ao simpático velho, sorridente e falador, que se refere com orgulho á sua avançada idade e com uma bela e rara nitidez de espirito faz *blague* com a sua velhice que attribue ao facto de ter inventado, só para seu uso, um elixir de longa vida. O nosso P.º Comissario, depois, vai-nos mostrando o vestuario para uso dos medicos operadores, simples e acciado; a casa de jantar para convalescentes, cheia de sol e branca como a neve, e por ultimo, alguns quartos de 2.ª classe, modestos sim, mas confortaveis, alegres e muito acciados.

—Venha por aqui, adverte o Rev. Mergulhão.

Subimos uma escada particular que dá acesso ao segundo pavimento, e ele diz-nos:

—Está aqui instalado o recolhimento para homens, e asilo para os nossos irmãos que caíram na indigência que, cheios de achaques e velhos, são agasalhados até ao fim da vida, gratuitamente nesta casa de S. Francisco.

—Bendita Instituição esta, porque isto é maravilhoso e raro!

—Deixe-me dizer-lhe: é esta a maior devoção destas casas.

—E' pena que nem todos o saibam...

—A divisão deste pavimento, obedece quasi ao mesmo plano do primeiro, com pequenas variantes, como vê. Vou mostrar-lhe a nossa capela.

Uma capela muito alegre

Enquanto um asilado que faz as vezes de sacristão abre a capela, o nosso P.º Comissario, cobiando as barbas cenobitas e com ar contristado, vai-nos dizendo que faz grande falta uma Igreja ampla com porta para a rua.

—Não se desconsola, dissémos nós, já dentro da devota capelinha. Não têm, é verdade, uma Igreja como quere, mas em

compensação têm uma capela muito alegre e, sobretudo, muito florida e com piedosas e belas imagens.

—Repare, diz-nos o Rev. Mergulhão, neste Cristo crucificado em tamanho natural.

—E' respeitabilissimo e cheio de beleza!

—E' o Senhor Jesus de Portugal, reliquia bem autentica da fé dos nossos antepassados. Esta santa e veneranda Imagem tem uma tradição muito gloriosa: foi conduzida processionalmente a quando da peste grande, pelas ruas de Lisboa, e para logo a doença quasi desapareceu; por isso, creio eu, o Municipio de então concedeu-lhe perpetuamente um cantaro de azeite para ser alumiado...

—Ainda recebe esse azeite?

—Desde 1910 não mais recebeu e, com muita magoa o digo, como catolico e português. Contos largos, meu caro, contos largos... Um dia ainda hei-de contar no seu jornal a autentica historia do meu querido Senhor Jesus de Portugal. Neste pavimento, por fim, veja a sala para consulta externa de especialidade. Bela e elegante na sua mesma pequenez e sobriedade. Já está a funcionar.

O recolhimento para senhoras

Subimos ao terceiro pavimento, reservado ao recolhimento para senhoras. E' amplo e confortavel e está completamente cheio de recolhidas, perto de trinta. O Rev. Mergulhão explica:

—Estas recolhidas dão um tanto, segundo a idade, e assim, a casa, por escritura publica, compromete-se a dar-lhes até ao fim da vida, casa, sustento, medico e remédios.

—Devem ter, com certeza, muitos pedidos?

—Bastantes; mas não temos alojamentos.

Chegámos ao quarto pavimento, destinado, em parte, a asilo de Irmãos pobres; o restante é occupado por rouparia, casa de goma, costura e varias arrecadações e pela enfermaria de Santa Isabel, para irmãos pobres. O Rev. Mergulhão diz:

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21,30—«O gebo e a sombra».

São Luiz—A's 21—«Bairro Alto».

Politeama—«Os Filhos».

Avenida—A's 21,30—«O Bom Ladrão».

Apolo—A's 20,45 e 22,45—«Um filho de 3.ª classe».

Sala Foz—A's 20,30 e 22,30—«O Secretário dos Amantes».

Maria Vitoria—A's 20,45 e 22,45—«Reviravolta».

—«La nuit d'octobre».—Poesias e imitações.

Variedades—A's 21 e 22,30—«A Sagrada Família».

Coliseu dos Recreios—A's 21—«Bohème».

ANIMATOGRAPHOS

Olympia—Das 2 e 1/2 da tarde ás 12 e 1/2 da noite—Animatografo.

Sala Ideal—Animatografo.

Cristo Club-Dancing—O unico sempre em festa.

Bal-Tabarin Montanha—Todas as noites—Variedades.

VARIEDADES—(Parque Mayer)

HOJE

A's 21 e 22,30

A Sagrada Família

Telef. N. 4129

Teatro Apolo

Companhia Almeida Cruz

A mais engraçada das operetas
A unica em duas sessões

Um filho de 3.ª classe

Rir constantemente
toda a noite

Theatro São Luiz

HOJE

Representação da opereta

Bairro Alto

—Esta enfermaria representa, á semelhança da de S. Roque, a do primitivo hospital.

Descemos a elegante escadaria, encerrada e tarjada por larga passadeira do Cairo e encontramos no atrio, levando-nos o nosso entrevistado ao jardim onde podemos avaliar da vastidão do edificio que não é vulgar, e em seguida, visitamos a cosinha ampla, com um belo fogão ao centro que eleva agua a ferver á todos o pavimento do edificio, e, por ultimo, a secretaria pejada de enormes estantes com antiquissimo e precioso arquivo da Ordem. Uma vez aqui, o Rev. Mergulhão, diz-nos o seguinte:

—Como vê, estamos na repartição mais importante desta casa. Aqui se organizam todos os serviços hospitalares e tratam-se todos os assuntos que interessam o nosso asilo e recolhimento, e os da vasta e complicada administração desta Ordem. Devo observar-lhe que todos os mezarios por espaço de dois anos exercem gratuitamente, segundo o nosso compromisso, as suas funções administrativas, e nem por isso o trabalho que lhes inculpe sofre falta ou prejuizo. Entre todos, deixe-me pôr á destaque, porque é justo, o nosso primeiro secretario, o sr. João José Frederico Bartolomeu, que além de ser como todos, um entusiasta pela obra da hospitalização de estranhos, a ele foi incumbida mui especialmente a montagem burocratica e organica deste novo anexo, cargo a que se tem desempenhado com alto saber, criterio e rara dedicação.

—Nos tempos que vão correndo, é digna de registar tanta benemerencia.

—Assim é. E sem querer abusar, até desejava que registasse no seu acreditado jornal o nome dos actuais mezarios que, trabalhando em perfeita harmonia e com tanto desinteresse, cada um no seu pelouro, deixe-me assim expressar, têm com certeza sido a alavanca poderosa para ruir preconceitos rançosos, rotinas anacronicas, que constituíam causas perniciosas e elementos de ruina para esta Instituição.

—E' justissimo o seu desejo.

—Então queira tomar nota: Além do ministro e 1.º secretario a que já em especial me referi, são mais: o Vice-Ministro, Gabriel Osorio de Barros; 2.º secretario, Antonio Carlos Santa Clara; sindaco, Eduardo Raimundo; mordomo, Teodoro de Sousa Pereira; procurador geral, Antonio Almada.

Os preços da hospitalização

—Finalmente, diga-me: quais os preços da hospitalização?

—Ofereço-lhe esta tabela impressa, e peço-lhe que a leia em sua casa com atenção, e pela modicidade dos preços, que chegam a ser inferiores aos dos hospitais civis, facilmente ha de concluir que não é o vil interesse argentario que nos norteia, mas sim assegurar a vida desafogada desta santa casa com todos os seus anexos—hospital, asilo e recolhimento.

—O custeio desta casa deve atingir uma cifra importante...

—Importantissimo mesmo; mas, graças a Deus, agora já vai havendo para isso. S. Francisco mendigou para os seus irmãos pobres e doentes; nós também temos mendigado, por isso, temos sido ajudados com valiosos donativos, e a todos os nossos bemfeitores estamos muitissimo gratos. Olhe, meu caro, até a Imprensa de Lisboa nos tem ajudado muito, prestando-se, da melhor vontade, a publicar nos seus jornais, gratuitamente, muitas noticias e até artigos. Escusado é, pois, dizer-lhe que o seu jornal ficará inscrito no livro da publicidade bemfeitora desta Veneravel Ordem para que conste em todo o tempo que a Imprensa, generosamente contribuiu não pouco para o bem estar actual desta secular e prestimosa Instituição, o que muito nos tem sensibilizado e penhorado.

Estava acabada a entrevista. Agradecemos ao Rev. Mergulhão e pedimos-lhe desculpa de tanta impertinencia. Ele, por seu turno, acompanhou-nos até á porta da rua e, sempre risonho, apertou-nos fortemente a mão.

TEATRO DA TRINDADE

Empreza José Loureiro — Tel. T 976

AMANHÃ ESTREIA AMANHÃ

DA GRANDE COMPANHIA



ESPERANZA IRIS

1.ª RECITA DE ASSIGNATURA

A revista teatral internacional
de grande espectáculo,
2 actos e 29 quadros

Kiss-me

(BEIJA-ME)

Interpretação formidável
pelos 80 ARTISTAS d'este notável agrupamento,
() () celebre em todo o mundo () ()

Bilhetes á venda
para AMANHÃ, SABADO e DOMINGO
(matinée e soirée)

DOMINGO, 30:

Matinée e espectáculo nocturno

CASA AFRICANA

Séde—Rua Augusta n.º 161—LISBOA

Sucursal—Rua 31 de Janeiro, 220—PORTO

ESTAÇÃO DE VERAO

Abertura com geral exposição dos mais chics modelos em

VESTIDOS — MANTEAUX — CHAPEUS

para senhoras e meninas adquiridos nas principais casas de Paris e Londres.

Alfaiataria e camisaria para homem—Rouparia branca de senhora e fatinhos de criança—Sedas—Lãs—Retrosaria—Algodões—Malhas—Perfumaria em todas estas secções com enorme sortido impossível de enumerar terá a nossa numerosa e ex.ª clientela ocasião de apreciar as maiores novidades de fino gosto adquiridas nos grandes centros da moda.

Pedimos uma visita ás nossas grandes e gerais exposições

FREIRE DA CRUZ & C.ª

(Continuação da 5.ª pagina)

sa, conforme a proveniência da materia prima. E' sabido que, com a utilização de trigos de inferior qualidade, transportados em malas condições, etc., se produzem farinhas de inferior qualidade sob o ponto de vista da fermentação normal. Os proprios trigos nacionais são origin de acedentes frequentes na fermentação panar, por produzirem farinhas infectadas de agentes microbianos das fermentações acidas.

Depois de tudo isto e das mais circunstancias que não podem ser desconhecidas das entidades competentes, a quem respeitam estes assuntos, no Ministerio da Agricultura, será justo, dentro de certos limites razoaveis, responsabilizar a industria de panificação, pelas naturais e fatais consequências dos phenomenos que condicionam o exercicio da sua actividade?

Não será necessario, indispensavel mesmo, fixar com rigor scientifico o que seja um excesso de acidez no pão, estabelecendo limites tais que ponham o industrial ao abrigo de injustas sanções?

E, todavia, o referido art. 15.º não explicita o que seja um excesso de acidez. Esta imprecisão em materia de tanta importancia pode vir a originar as maiores injustiças. Que sabemos depois dos Limites e Relações Estabelecidos pela Comissão Technica dos Metodos Químico-Analíticos, para análise das farinhas e do pão, nada mais se produziu oficialmente com rigor scientifico. Quer-se ha apreciar o pão que se consume actualmente em Portugal pelo limites estabelecidos em 1911, pela mencionada Comissão, referidos a farinhas que não podem ser com-

paraveis a dum tipo unico, de extracção correspondente ao peso especifico do trigo empregado, farinhas cheias de produtos «bis» e por consequencia iminentemente proprias para determinar fermentações acidas?

Ex.ª Sr. Ministro: Este assunto é dos que, para ser resolvido com espirito de justiça e verdadeira equidade, carece de ser estudado e esclarecido por pessoas tecnicas competentes que não faltam, felizmente para todos nós, no Ministerio da Agricultura. Digne-se V. Ex.ª snb-meter-lhes o assunto, e enquanto elles se não pronunciarem, é da mais elemental prudencia que as entidades encarregadas da fiscalização dominem a sua natural tendencia, moderem o seu criterio de descobrir até na sujecção fatal da industria, as leis imutaveis da fisica e da micro-biologia, um proposito obstinado de auferir lucros e de ludibriar o consumidor.

O § unico do referido art.º 15.º tambem consignava uma disposição que é atentatoria do legitimo direito de defesa do industrial e do seu pessoal tecnico, e que consiste em considerar definitivo o resultado dum unica análise immediata. Coarta-lhe, assim, a possibilidade de identificação da amostra, da análise de recurso e de «controle», consignada em todos os diplomas anteriores, a justiça á rapidez da resolução. Uma troca involuntaria na numeração das amostras enviadas ao laboratorio, ou a inversão das proprias amostras durante a análise, pode determinar um castigo injusto e indevido...

Tudo isto agravado singularmente com as disposições do art.º 16.º, onde se estatue com notavel falta de proporção e justiça a mesma sanção para o prevaricador consciente que defrau-



“Salão Violeta”

Chapeus de senhora e crianças

EXPOSIÇÃO DE NOVOS E INTERESSANTES
MODELOS PARA A ESTAÇÃO

A unica casa que transforma e tinge chapéus de palha em todas as cores, á escolha do cliente

SISTEMA ALEMÃO

Preços Resumidos I Telef. N. 3815

T. do João Gonçalves, 19, 1.º

(Almirante Reis)

BUFALO

PELES preferidas pelas pessoas que desejam BOM e DISTINTO para estofar AUTOMOVEIS e MAPLES. Seis metros de superficie cada, em dezenas de LINDISSIMOS TONS

UNICAS que conservam irrepreensivel através do mais intenso uso todo o BRILHO inicial das suas BE-LAS CORES, todo o correcto perfil das suas CONFORTAVEIS LINHAS

DEPOSITARIO

FRANCISCO DA SILVA DIAS

Rua Arco Marquez de Alegrete, 13, 1.º

POLICLINICA DO RATO

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º

TELEF. N. 1200

Dr. Antonio Monteiro — 11 horas — Clinica ral, senhoras, crianças e partos.

Dr. Julio Gonçalves — 13 horas — Bôca e dentes.

Dr. Lourenço Ramundo — 14 horas — Rins e vias urinaes.

Dr. Antonio Fernandes — 11 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Saraiva — 15 e meia — Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Moraes Sarmiento — 16 horas — Ginecologia e operações.

Dr. Ruival Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sífilis.

Dr. José Crespo — 17 e meia — Clinica medica, estomago, intestinos e fígado.

Dr. Aleu Saldanha Cruz — Raios X.

Análises clinicas, electroterapia, maçagem e ginastica medica

CASA DAS BOQUILHAS

Concertam-se cachimbos e boquilhas com perfeição

Vidraria e Louças

Casa Marinha Grande

Telefone 1998 N.

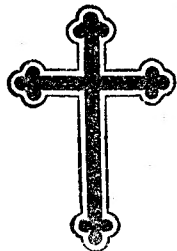
Vende pelo preço de fabricas, servicos e artigos dispersos de porcelana, faiança, cristal, esmalte, ferro, zinco e aluminio

1.º prédio Av. Almirante Reis (Ao Intendente)

Quer a sorte grande?

Habilite-se na GERMANA

RUA DO MUNDO—115



Hortensia de Zea Bermudez Pontes AGRADECIMENTO

Joaquim de Zea Bermudez, sua mulher Antonia de Mello de Zea Bermudez e restante familia, desejando manifestar a sua inesquecivel gratidão a todos aqueles que lhe testemunharam a sua simpatia por motivo de falecimento da sua malograda filha e parente, usam deste meio para o cumprimento desse indeclinavel dever, por não quererem que um caso de omissão possa deixar de levar o seu agradecimento a todos os que, de perto ou de longe, os acompanharam em tão doloroso transe.

que vimos fazendo dos decretos, á mais leve duvida sobre a competencia e bons intuitos que presidiram á sua contextura, mas são de sobra para radicarem a convicção de que a forma atraiçoaou o pensamento e uma lamentavel precipitação carece agora de justa e indispensavel emenda.

Ex.ª Sr. Ministro: Os signatarios desta exposição, representantes de toda a industria de panificação de Lisboa e concelhos limitrofes, confiados na justiça da sua causa, tanto como nas altas qualidades que exornam a individualidade que dirige os negocios do ministerio da Agricultura, pedem, muito respectivamente, a V. Ex.ª a revogação dos decretos n.º 13.441 e 13.460, ou, quando menos, a sua modificação profunda, em ordem a satisfazer ás conveniências do publico e ás necessidades da industria, e desejam que a sua situação, perante o Estado e perante o publico, se esclareça e seja assegurada com a justiça que lhes assiste.

Lisboa, 23 de Abril de 1927.

Pela Associação de Classe dos Industriais de Padarias Independentes

(aa) Antonio Agostinho

José Pais das Neves

José Francisco Fernandes

João Soares

Pela Sociedade de Padarias, Limitada

OS GERENTES

(aa) Manuel Domingos Nina Junior

Amândio de Campos

Pela Companhia Nacional de Alimentação

OS DIRECTORES

(aa) Julio Roque Monchet

Virgilio Bugalho Pinto

DR. MIGUEL DE MAGALHAESMonitor da clinica de Necker — Paris
RINS e vias urinarias—Venereologia
e sífilis.—T. N. de S. Domingos, 9, 1.
às 15 horas—Telefone 5205 N.**ESTRANGEIRO****DR. ARMANDO NARCISO**ESPECIALIZADO NOS HOSPITAIS DE PARIS
Medicina,
Tuberculose e Sífilis
Tr. Nova de S. Domingos, 9 (á R. Amparo)
TEL. 5205 N.

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da França

PARIS, 28

O sr. Briand recebeu, por motivo do 25.º aniversário da sua vida política, grande numero de telegramas de felicitações de altas individualidades políticas e diplomáticas do mundo inteiro.

Ao telegrama de Stresemann redigido em termos muito amistosos, respondeu o sr. Briand contar os dois ultimos anos como os mais fecundos de toda a sua carreira politica, estando animado do proposito de trabalhar até ao conseguimento no interesse da paz do mundo, de um accordo perfeito entre a França e a Alemanha.

A população de Locarno enviou tambem as suas felicitações ao ministro dos Negocios Estrangeiros. — (L.)

Dizem que uma alta personalidade da Turquia declarou que as ameaças da Italia obrigam o seu país a negociar um tratado nas mesmas bases, nas suas linhas gerais do da Yugo-Eslavia assinado em Lausanne.

A Turquia compromete-se transportar todos os seus habitantes da Macedonia para a Asia Menor.

Uma aliança militar com a Turquia garante a integridade dos seus territorios asiaticos.

A Russia, por seu lado, promete o seu apoio ao tratado turco-servio. — (L.)

A imprensa esquerdista faz um ataque cerrado a Poincaré por o governo conceder a extradição dos anarquistas argentinos Jover, Aracaso e Derutti, contra os quais — afirma — não ha nenhuma prova de crime. — (L.)

Perdigão Cid

Vias Urinarias e Clinica Geral

Rua Carret, 80, sobre-loja—Telefone C. 1602
CONSULTAS DAS 16 ÀS 19 HORAS

DA TERRA SANTA

Quem é**Frei José Pedro**

QUE HOJE VIVE ISOLADO

numa estrada que conduz a Jerusalem

Bethlem, Abril 1927.—Pela estrada que vem de Jerusalem, envolvida em poeira, caminha uma multidão imensa, que vai chegando para festejar a Páscoa; rebanhos de carneiros negros com a cabeça branca, saltam de beira em beira do caminho, e tudo segue, sob um sol ardente, que chispa os fatos e as carnes, como se fosse uma brazeira imensa a aspergir lume sobre os fieis.

Visito, cheio de calor, as capelas e outros Logares Santos, e lá na curva duma viela estreita e cheia de pedras soltas, entro num corredor fresco, todo de cantaria e flôres, que se abre num horto garrido e simples, verdura e matizes floridos, cercando uma imagem de S. José, em bronze, onde se lê:—oferta de Portugal!

Vem receber-me um monge franciscano: homem de estatura regular, olhos negros e profundos, barba quasi toda de neve, simpatico e simples.

E como eu falasse da oferta de Portugal, frei José Pedro, em português, responde-me e diz-me que é da Beira Alta, que viveu 30 anos no Porto, tem familia em Lisboa e visitou a nossa terra em Agosto passado.

Mostra-me a fuga da Santa Familia, comprada com esmolas de portugueses e diz-me que toda a capela é portuguesa, sustentada com dinheiro de Portugal, e que ele, só á sua parte, já dispendeu mais de trinta libras em reparações.

A capela, em que ha uma cercadura de lampadas rubro-verde, é um mimo de simplicidade, bom gosto e acção: é um santuario, situado junto da Basilica do Nascimento de Jesus, onde, segundo uma tradição muito antiga, Maria amamentando Jesus, deixou cahir gotas de leite, que formaram uma rocha, onde vão as mulheres a quem falta leite, tirar o pó da pedra, para dissolvê-lo em agua, que bebem para terem leite para amamentação. e dahi o nome de Gruta do Leite de Bethlem.

Os frades franciscanos guardam tal santuario ha 600 anos, e converteram a gruta em capelas, onde se venera a Mãe de Cristo em atitude de o amamentar.

Frei José Pedro, fez-se frade franciscano e ha dezoito anos que vive na capela, numa casita branca, pequena, que deita sobre o quintal, que tem ao fundo uma parreira á moda portuguesa.

Frei José Pedro fugiu do mundo por uma paixão, e vive ali, ignorado, santo, só pensando na sua religião, tendo deixado parte da sua fortuna aos seus parentes, que foi visitar ha meses.

É ilustrado, fala cinco linguas, professor em Roma e lê jornais e livros portugueses.

Ama a sua terra, e ao falar-me, eu via, que sob o burel cõr de castanha, ainda um coração português pulsava, como que a querer fugir-lhe do peito, para vir despedaçar-se nas luctas de um amor fatal e profano!

Frei José Pedro, que me ocultou o seu nome do mundo, mostra-me o jardim, dá-me flôres, agradece a esmola que deixo e vem acompanhar-me á porta, desejando-me felicidades e boa viagem.

E desde que entrava na capela, fugindo ao sol ardente, senti-me á vontade, sem fadiga, nas horas que passei com o frade português.

Cá fóra, a multidão contorce-se, no visitar capelas, cheia de pó, a rezar, de todas as côres, de todas as raças, com os trajes mais variados, que se possa imaginar: alcanço o automovel e sigo para Jerusalem, onde habito um convento, durante dias, por economia e ser a unica pousada decente: felizmente, que deixo a vida de convento, e volto ao mundo, cheio de ilusões, horas amargas, mas onde ha incertesa, lucta, trabalho e ás vezes um amor, como que uma flôr, que se colhe e vive a vida de uma rosa, e positivamente uma paixão não vale o voto de frei José Pedro...

Herlandér Ribeiro

CADERNETAS

As unicas com publicidade e dando direito a 43 brindes em dinheiro que oferecemos aos nossos clientes do concurso de "O Seculo"—

Acceptam-se anuncios para as mesmas—Prevenimos os nossos clientes da provincia que devido á grande procura que tem tido, demorará a remessa para a provincia
"A MEDIADORA"—Rua Alves Correia, 21—Tel. N. 4097

O Paraíso das Mulheres

Sensacional romance de BLASCO IBANEZ

TRADUÇÃO DE ACACIO ANTUNES

A viagem dum moderno Gulliver no país de Lilliput—A Verdadeira Revolução—geral
caricatura do triunfo do feminismo

—A tirania das mulheres de calças—A timidez das esposas masculinas

1 vol. com linda capa ilustrada, 8\$00.

A venda em todas as Livrarias e na EMPRESA LITERARIA UNIVERSAL—Rua da Era, 17—LISBOA.

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Do Brasil

RIO DE JANEIRO, 27

Os aviadores continuam sendo homenageados, estando ainda em projecto algumas festas. Não têm deixado de affluir pessoas ao hotel, a apresentar-lhes cumprimentos e protestos de admiração.

Os arrojados aeronautas prosseguem nas suas visitas, havendo estado na Escola de Aviação Militar, onde foram entusiasticamente recebidos pelos seus camaradas brasileiros, que lhes ofereceram uma taça de «champagne». Trocaram-se brindes calóricos, sendo exaltadas as glórias dos aviadores dos dois países, o feito do «Argos» e a amizade luso-brasileira. Foram tambem á Associação da Imprensa, cuja directoria, acompanhada por numerosos membros da colectividade, os recebeu com todas as honras.

Sarmento de Beires, Jorge de Castilho e Manuel Gouveia visitaram o capitão aviador Mario Barbedo, que ha anos, vítima dum desastre de aeroplano, se encontra inutilizado, rendendo assim preito ao valoroso e malogrado official e á aviação brasileira. O encontro entre os quatro aviadores foi comovido. Barbedo felicitou vivamente os seus camaradas portugueses, agradecendo-lhes a homenagem que lhe prestavam e á aeronautica do seu país. Por sua vez, Sarmento de Beires e os seus companheiros tiveram palavras de grande apreço e respeito para o heroico sacrificado e para a 5.ª arma brasileira, de que o seu nome é uma das melhores glórias. — (A.)

Da Alemanha

BERLIM, 28

O jornal «Abzor», de Agram, descreve detalhadamente os preparativos italianos na fronteira, e diz que a Italia occupará o norte da Dalmacia se a Yugo-Eslavia não acceder á ratificação do tratado de Nettuno, e neste caso julga que a guerra será inevitavel. — (L.)

Dos Estados Unidos

NOVA YORK, 28

O governador de Louisiana, região do Mississipi, em virtude da resistencia dos lavradores em abandonar as suas casas, a maior parte em ruínas, por causa das cheias, decretou o estado de sitio. — (L.)

S.º Antão

REFEITORIO E ADEGA

149 — R. Eugenio dos Santos — 157

Canôas á S.º Antão

Cigarros "MURATTIS"

Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egipto da mais fina qualidade, gosto e aroma inexcelsiveis. Peçam em toda a parte os cigarros

Importadores

VUVA CONTRERAS & FILHO

"MURATTIS EGIPCIO"

Rua Primeiro de Dezembro -- 7

Chapeus modelos e copias

Encontram v. ex.^{ta}
a colecção mais completa
e distinta de Lisboa
no **Salão Aureo**
246 — RUA DO OURO — 248
LISBOA

ULTIMAS NOTICIAS**Joalheria Lory**

MODERNO sortido de joias
Fabrico esmerado em
platina. Oficinas proprias.
Encomendas e concertos
com prontidão.
Rossio, 40
Telefone 3483 N.

A HISTORIA

A batalha de Ourique

vai enfim
ter um monumento
comemorativo

No dia 24 foram novamente visitar o campo das "Chãs de Ourique", onde se deu a batalha de Ourique". (a 25 de julho de 1139), o general sr. Vitoriano Cesar e o distinto escultor Antonio da Costa, que está encarregado de modelar a estatua da Patria, que ali se vai levantar, para comemorar aquela batalha.

O sr. general Vitoriano Cesar deu-nos sobre o assunto as seguintes informações:

— Apesar do magnanimo oferecimento do terreno, feito pelo sr. José Duarte Junior, na sua quinta dos Sales, reconheceu-se que, a levar-se a efeito a construção do monumento naquele local a obra seria excessivamente cara, o que não seria proprio para os tempos que vão correndo, de verdadeiras economias. Dispende-se-lhe para cima de 200.000 escudos. Teve-se, pois, de pôr de parte uma tão dispendiosa obra. Logo houve, porém, outro gentil oferecimento de terreno, assim como da pedra necessaria, por parte do sr. Antonio Ribeiro Ferreira, rico proprietario e dono de uma parte importante dos terrenos que antigamente eram chamados "Chãs de Ourique".

— Afinal...
— A comissão encarregada pelo ministerio da Guerra de tratar da comemoração daquela batalha, tendo em vista que foi na actual povoação de "Vila Chã de Ourique", que se deu o combate mais vivo, e onde se decidiu a sorte da batalha, tanto que se ficou chamando aquele local "Campus Salutis", (Campo da Salvação) e aos seus primeiros habitantes "Salutinos", nome com que ainda hoje são designados, resolveu que ali se levantasse o monumento comemorativo. A construção tornar-se-ha muito mais economica, não só por causa da oferta de uma parte do material, mas ainda porque, num rasgo de patriotismo muito para louvar, alguns dos proprietarios de Vila Chã de Ourique, e, entre eles, a familia Nogueira, contribuíram já com uma verba de 20.000 escudos para um certo numero de obras que ha previamente a fazer. Assim, as despesas por parte do ministerio da Guerra, serão muito reduzidas.

— A população de Vila Chã de Ourique...

— Está muito grata ao sr. Ribeiro Ferreira pelo valioso oferecimento do terreno, e a comissão, nomeada pelo ministerio da Guerra, também manifesta o seu reconhecimento ao mesmo senhor, pois aquele terreno vale alguns milhares de escudos. Uma grande transformação vai ter lugar em Vila Chã de Ourique, onde se está já abrindo uma larga avenida a que foi dado o nome de "Ribeiro Ferreira", assim como a uma outra vai ser dado o nome de "General Carmona", relembrando a visita que no ano passado ali foi feita pelo ilustre Chefe do Estado. No novo bairro projectado serão consagrados ainda os nomes de outros ilustres membros do governo actual.

Quer a sorte grande?

Habilite-se na **GERMANA**
RUA DO MUNDO — 115

NO CHIADO

Estão sendo muito apreciados
os bifes no Café do Chiado. Todos
os dias almoços.

VISITAS MINISTERIAIS

"Existem no Exercito verdadeiras instituições que são um peso morto,"

DISSE

o comandante **Raul Esteves**

O sr. ministro da Guerra, continuando a executar o seu programa de visitas ás unidades da guarnição, esteve hoje no quartel de sapadores de caminhos de ferro.

O sr. tenente-coronel Passos e Sousa foi recebido com todas as honras militares, sendo aguardado, á entrada, por toda a officialidade do batalhão, á frente do qual se encontrava o comandante sr. Raul Esteves.

Este apresentou, ao chefe do Exercito, todos os seus subordinados, iniciando-se, logo em seguida, a visita ás varias dependencias do quartel.

Na sala dos officiais usaram da palavra, em primeiro lugar, o sr. coronel Raul Esteves, e, em resposta, o sr. ministro da Guerra.

* * *

O sr. coronel Raul Esteves tratou, largamente, o problema militar português, referindo-se ás necessidades do Exercito e mostrando quanta razão assiste áqueles elementos que apregoam as vantagens da disciplina, da ordem e da hierarquia adentro da classe militar.

Falando mais especialmente da unidade que comanda, disse dos esforços envidados para a erguer ao nível que ela hoje ocupa e que é extremamente honroso para quantos dela fazem parte e para o seu progresso trabalhoso.

Por fim, o sr. coronel Raul Esteves declarou que é necessario aliviar o exercito de certas instituições que, para ele, constituem um verdadeiro peso morto, retardando o seu pleno e proficuo desenvolvimento.

"O sr. ministro da Guerra e o governo, concluiu, podem contar com este batalhão. Todos os que nele servem são, além de cumpridores dos seus deveres, amigos dos homens que hoje ocupam as cadeiras do poder."

Respondeu-lhe o sr. ministro da Guerra, insistindo na vantagem das suas visitas ás varias unidades da guarnição, visitas que servem, sobretudo, a intensificar os laços de amizade existentes entre os membros da grande familia que é o Exercito.

— "Estou-me empenhando, e para isso conto com os meios necessarios, acrescentou o sr. Passos e Sousa, em dotar a força publica dos elementos materiais de que ela carece."

"Desejo intensificar a instrução profissional para o que conto ter em breve inaugurada a escola central de officiais. Desejo ainda desenvolver, ao maximo, a instrução pratica de officiais e soldados, promovendo exercicios de que as ultimas manobras foram o inicio."

"Desejo, enfim, que na familia, que todos constituimos desapareçam as razões de magua ou de queixa que porventura, hajam feito surgir."

A visita que se iniciou ás 9,30 só terminou por volta do meio dia.

PELO AR...

Chega amanhã

o primeiro avião

para as carreiras entre Lisboa-Sevilha-Madrid

A Aviação Comercial, que em todo o mundo é hoje uma força em pleno desenvolvimento, não tem sido até hoje, em Portugal, mais que uma simples aspiração.

Ha tempos, uma empresa portuguesa, tentou iniciar as carreiras aereas entre Lisboa e Sevilha. Mas, por variados motivos, a tentativa fracassou, tendo apenas lucrado com elas as entidades que gosaram as delicias do "Junkers".

Mas este exemplo não desanimou três portugueses que de ha muito se vinham apaixonando pela Aviação comercial: os srs. Conde de Vilas Boas, Carlos Empis e Carlos Fialho. E, com uma persistencia e um arrojo a que devemos prestar homenagem, resolveram organizar rapidamente carreiras aereas de Lisboa para Sevilha e Madrid, e vice-versa.

O primeiro aparelho destinado a esses

vôos parte amanhã do aerodromo de Tablada (Sevilha), chegando a Alverca ás 14 horas em ponto. Ali, realizar-se-ha um "lunch", oferecido pelos organizadores das carreiras aos aviadores, aos jornalistas e a varios convidados.

O avião — que é um "Junkers" de 3 motores, inteiramente metalico, com 11 lugares para passageiros, fará um vôo de Lisboa a Madrid e volta no mesmo dia, com almoço na capital espanhola, levando um representante da Aviação Militar e outro do Aero-Club de Portugal.

Brevemente, virá a Alverca um outro aparelho, também "Junkers", com 5 motores e 25 lugares.

Os organizadores da empresa pensam mandar vir dentro de pouco tempo hidro-aviões "Dornier", para fazer carreiras entre Lisboa e o Porto.

NA BOA-HORA

O asilado que matou um homem

por um copo de vinho
foi hoje julgado

Em tribunal colectivo, responderam hoje, na Boa-Hora, alguns individuos acusados de varios crimes. Na presidencia, o juiz sr. dr. Magalhães de Barros, tendo como vogais os juizes srs. drs. Alfredo Portugal e Melo Borges. O sr. dr. Abraão de Carvalho representava o ministerio publico, e a defeza dos reus foi confiada ao sr. dr. Pimenta de Castro.

O primeiro reu: Vicente Monteiro, 33 anos internado do Asilo de Santo Antonio dos Capuchos, acusado de, em 1 de Janeiro do ano findo, ter assassinado com uma navalha, na «Cova Funda» da Rua das Pretas, Manuel Rana Domingos, por este se negar a pagar-lhe um copo de vinho.

O juiz, sr. dr. Magalhães de Barros, interroga:

— Em que se ocupa?

— Antes de ter uma doença nos ombros, era encadernador.

— Já esteve alguma vez preso?

— Uma vez.

— Uma só? Desassete, reza o cadastro! Tem até algumas prisões por furto, desordem e vadiagem, tendo cumprido uma pena em Loanda... Recordas-te? Diga lá: porque matou você o homem?

— Ele deu-me uma bofetada, e quando se preparava para me dar a segunda, eu puxei dum canivete e ele feriu-se...

— Você é muito mau! Você disse que havia de matar um homem nessa noite e cumpriu a promessa.

— Isso são calunias, sr. juiz!

— Então você não disse que havia de matar o Joaquim da Costa?

— Não, senhor. Isso são calunias, sr. doutor!

As testemunhas de acusação:

Joaquim Salgado declarou que o réu pretendia matá-lo nessa noite por ele ter distribuido donativos aos seus colegas e não lhe dar a ele.

Antonio de Carvalho disse ter ouvido o réu dizer para um pobre velho asilado, que desempenha as funções de barbeiro no Asilo: «O' Costa! Não pagas nada?»

— Depois?

— Como ele lhe disse que não, o réu objectou-lhe: «Pois bem; tu estás habituado a fazer a barba aos asilados; hoje eu que t'á faço!»

O dr. Magalhães de Barros:

— Viu dar a facada?

— Não vi, mas sei que foi ele!

As restantes testemunhas pouco mais adiantam.

O segundo réu: Manuel Simões Bento, de 24 anos, descarregador, acusado de, em 19 de Abril de 1926, no Cães do Rego, ferir com cacetadas e facadas, com intenção de matar, Francisco dos Santos Aires e Manuel Marques. Acusado também de, em Agosto de 1920, sendo criado de agricultor Manuel Dias Coelho, em Figueiró dos Vinhos, lhe ter furtado aguardente e vinho no valor de 200\$00.

O juiz, sr. dr. Magalhães de Barros:

— Porque agrediu os homens?

— Por eles me terem dirigido insultos que feriam a minha dignidade de homem casado e impedirem por todos os meios que eu ganhasse o meu pão.

A audiência continua.

Sortes grandes?

só o **PINA** as vende

75 — Rua de S. Paulo — 77

MARIO MONTEIRO

ADVOGADO

R. DOS FANQUEIROS, 141

Monumental Club

(Palacio de S. Luiz)

Hoje — **FESTA NACIONAL** — Fados por varios cultivadores da Canção Nacional — **FANDANGO SALOIO** por dois campinos em trajes typicos — A'manhã: Estreia da artista **LOLA BLANCO**